

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**POLIANE PEREIRA ALMEIDA**

**TRAJETÓRIA E MINISTÉRIO DO PASTOR BOAVENTURA PEREIRA SOUSA NA  
ASSEMBLEIA DE DEUS EM BACABAL (1963 – 1996)**

São Luís  
2017

**POLIANE PEREIRA ALMEIDA**

**TRAJETÓRIA E MINISTÉRIO DO PASTOR BOAVENTURA PEREIRA SOUSA NA  
ASSEMBLEIA DE DEUS EM BACABAL (1963 – 1996)**

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Milena Galdez Ferreira

São Luís  
2017

Almeida, Poliane Pereira.

Trajectoria e ministério do pastor Boaventura Pereira Sousa na Assembleia de Deus em Bacabal (1963-1996) / Poliane Pereira Almeida. – São Luís, 2017.

67 f.

Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

Orientador: Profa. Dra. Márcia Milena Galdez Ferreira

1. Boaventura Sousa. 2. Trajetória e Ministério. 3. Assembleia de Deus. 4. Bacabal. 5. Maranhão I. Título

CDU 284(812.1)“1963-1996”

**POLIANE PEREIRA ALMEIDA**

**TRAJETÓRIA E MINISTÉRIO DO PASTOR BOAVENTURA PEREIRA SOUSA NA  
ASSEMBLEIA DE DEUS EM BACABAL (1963 – 1996)**

Monografia apresentada ao Curso de História da  
Universidade Estadual do Maranhão como parte dos  
requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena  
em História.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia Milena Galdez  
Ferreira

Aprovada em: 27 /06/ 2017

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia Milena Galdez Ferreira  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA  
(Orientadora)

---

Wherinson Silva Neres  
(Examinador 1)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Julia Constança Capelô  
(Examinador 2)



*A minha querida e saudosa mãe, Rosimar  
Pereira Almeida e a minha avó Juliana Dias  
(in memoriam)*

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo fôlego de vida, por ter me ajudado até aqui e a minha família pelo incentivo e por acreditarem em mim. Para com todos que contribuíram direta e indiretamente para a elaboração desse trabalho tenho eterna dívida de gratidão.

Agradeço a minha saudosa mãe Rosimar Pereira Almeida, por não medir esforço em me proporcionar sempre o melhor dentro de suas possibilidades, pelo seu caráter, exemplo determinação e vontade de viver. Queria que você estivesse aqui para compartilharmos esse momento juntas. Aos meus irmãos Diogo e Paulo Ricardo Pereira Almeida por estarem ao meu lado. Aos meus tios Rosileide e Givaldo da Silva Pereira pela acolhida em sua casa, pelo carinho, por estarem comigo em momentos de bonança e tempestades, por tudo que já superamos. A vocês minha eterna gratidão, vocês são responsáveis pela minha chegada até aqui.

Agradeço as minhas primas Marileide Silva, minha amiga cômica e confidente obrigada por compartilhar dias bons e maus. Geresa Silva, moça determinada e persistente me faz acreditar que sonhos podem se tornarem realidade. Sílvia e Kerllyane obrigada pela felicidade compartilhada.

A Fernando Leite de Oliveira, meu mais que amigo, obrigada por sua compreensão nas inúmeras vezes que estive ausente e aflita. Obrigada pelo apoio, pela companhia por tornar meus dias mais suaves e por estar sempre a minha disposição. Amo-te.

A orientadora desse trabalho, Márcia Milena Galdez Ferreira, obrigada pelo presente que foi essa pesquisa, quando eu estava sem rumo, você foi a bússola que me guiou até Boaventura Pereira Sousa, embora afirme que é leiga sobre protestantismo, sem juízo nenhum aceitou o desafio de orientação desta pesquisa e, com o seu olhar sensível de pesquisadora, historiadora e professora você me fez ir além do que eu poderia imaginar. Obrigada pela atenção, compreensão, respeito, pelo seu exercício de paciência que talvez nem você soubesse que teria, pelo seu lado tão humano e por não me deixar desistir. Obrigada por dividir comigo sua experiência no trabalho de campo e na coordenação da bolsa de extensão/PIBEX. A você meus sinceros agradecimentos!

Aos meus amigos de graduação Adriana Santos, Yann Maia, Samara Ramos, Camila Lima, Francisca Elenildes e Larissa Castro, obrigada pelo fardo dividido, as nossas conversas,

gargalhadas, angústias e desespero compartilhados tornaram a carga da graduação mais leve e possível de dizer: valeu apena! Vocês são presentes que a vida trouxe para perto de mim. Quézia Guimarães, você também faz parte dessa caminhada.

Agradeço a minha mais que amiga Jaciara Leite, a militante do Médio Mearim. Minha companheira, minha ouvinte, minha conselheira, a pessoa que divide o lanche comigo e me faz sorrir em dias difíceis. Nos últimos dias me encorajou para prosseguir mesmo diante de circunstâncias nada favoráveis, a você meu carinho e gratidão, obrigada por tudo.

Agradeço aos membros do grupo de pesquisa RHIMAS pelo conhecimento compartilhado, a troca de experiências e a vivência com vocês foi enriquecedora tanto para minha formação como historiadora como para minha construção enquanto pessoa. Meu muito obrigada a Pablo Monteiro, o filho mais velho do grupo, por dividir comigo a sua experiência de campo com seu olhar de historiador, fotógrafo e antropólogo. Obrigada pelos livros emprestados e por sua agradável companhia.

Agradeço a Elba Mota por sua significativa contribuição teórica e metodológica neste trabalho, pela sua disponibilidade em ajudar quando tudo que lhe restava era falta de tempo. Meus sinceros agradecimentos a Marcos Ferreira pelo auxílio com fontes, entrevistas e documentação sobre a Assembleia de Deus em Bacabal, muitíssimo obrigada. Não poderia deixar de agradecer a Ribamar, por me receber tão bem em sua casa durante o trabalho de campo, obrigada pela estada no seu lar, por abrir a porta da sua casa e de sua família maravilhosa.

Agradeço a Lauísa Sousa, a bibliotecária bafônica, Lalasinha obrigada pela paciência e por me receber sempre tão bem e com gentileza. Agradeço a Universidade Estadual do Maranhão pela oportunidade e a todo corpo docente do curso.

E por fim me despeço de Boaventura Pereira Sousa, ser humano incrível, homem de fé, o pastor que dá a vida pelas ovelhas. A você que atendeu ao chamado de Deus, combateu o bom combate, completou a carreira e guardou a fé, desejo que o seu galardão seja tão grande quanto sua obra em prol do evangelho. Foi uma honra conhecê-lo!

*Se eu puder ajudar alguém a seguir a diante,  
alegrar alguém com uma canção, mostrar o*

*caminho certo, cumprir meu dever como cristão que é divulgar a mensagem que Cristo deixou, então minha vida não terá sido em vão.*

*Martin Luther King*

## **RESUMO**

O presente trabalho objetiva compreender através da trajetória do pastor Boaventura Pereira Sousa e o seu ministério pastoral desenvolvido os anos de 1963 a 1996, recorte temporal dessa pesquisa, tendo como foco a expansão e consolidação da Assembleia de Deus em Bacabal. Boaventura Sousa é um sujeito com ampla participação na organização da Assembleia de Deus em várias regiões do interior maranhense. Iniciou sua atuação como líder na igreja do povoado de Redenção (atualmente Mata Roma) em 1947, mudou-se para Bacabal em 1963, igreja que presidiu durante 33 anos, conheceu a maioria dos pioneiros da primeira geração de líderes da Assembleia de Deus. Enfrentou conflitos e discriminação com fiéis católicos. Destacamos ainda em sua trajetória na cidade Bacabalense, atuação incessante na evangelização, na construção do templo central e desenvolvimento de importantes trabalhos de caráter social através da escola Instituto Benemérito Evangélica.

Palavras-chave: Boaventura Sousa. Assembleia de Deus. Bacabal. Trajetória.

## **ABSTRACT**

The present work aims to understand, through the trajectory of Pastor Boaventura Pereira Sousa and his pastoral ministry developed from 1963 to 1996, a temporal cut of this research, focusing on the expansion and consolidation of the Assembly of God in Bacabal. Boaventura Sousa is a subject with wide participation in the organization of the Assembly of God in several regions of the interior of Maranhão. He began his role as leader in the village church of Redemption (now Mata Roma) in 1947, moved to Bacabal in 1963, a church that he presided over for 33 years, met most of the pioneers of the first generation of leaders of the Assembly of God. He faced conflicts and discrimination with Catholic faithful. We also emphasize in his trajectory in the city Bacabalense, incessant work in evangelization, in the construction of the central temple and development of important social works through the Institute Benemérito Evangelical school.

**Keywords:** Boaventura Sousa. Assembly of God. Bacabal. Trajectory.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1-	Carta de Recomendação	28
Imagem 2-	Carta de Recomendação	28
Gráfico 1-	Anos com percentuais de cartas de mudanças de cidades	33
Gráfico 2-	Lugares com maiores índices de saída	33

## LISTA DE SIGLAS

AD	- Assembleia de Deus
CEADEMA	- Convenção Estadual das Assembleias de Deus do Maranhão
CGADB	- Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
FATEAD	- Faculdade de Teologia da Assembleia de Deus
IADESL	- Igreja Assembleia de Deus Em São Luís
IC	- Igreja Católica
IP	- Igreja Presbiteriana
MEC	- Ministério da Educação
PIBPA	- Primeira Igreja Batista do Pará
PMDB	- Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PFL	- Partido da Frente Liberal
PDS	- Partido Democrático Social
UEMA	- Universidade Estadual do Maranhão
UNITI	- Universidade da Terceira Idade

## SÚMARIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>HISTÓRICO E EXPANSÃO DO PENTECOSTALISMO E ASSEMBLEIA DE DEUS</b>	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>Pentecostalismo e assembleia de Deus no Brasil</b>	<b>23</b>
<b>2.2</b>	<b>Pentecostalismo e Assembleia de Deus no Maranhão e em Bacabal</b>	<b>25</b>
<b>3</b>	<b>BOAVENTURA PEREIRA SOUSA: UMA TRAJETÓRIA A SERVIÇO DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO MÉDIO MEARIM</b>	<b>34</b>
<b>3.1</b>	<b>3.1 Infância, migração, trabalho e conversão</b>	<b>36</b>
<b>3.2</b>	<b>3.1 Evangelização e chamada ministerial</b>	<b>41</b>
<b>3.3</b>	<b>Da lavoura a presidência da Assembleia de Deus em Bacabal: uma trajetória de boas colheitas</b>	<b>47</b>
<b>3.4</b>	<b>“Só vou deixar de estudar quando eu ficar velho”: formação de Boaventura Sousa na terceira idade</b>	<b>49</b>
<b>4</b>	<b>DITADURA MILITAR: “TODA AUTORIDADE É CONSTITUÍDA POR DEUS”</b>	<b>52</b>
<b>4.1</b>	<b>Proselitismo e tensões entre católicos e protestantes</b>	<b>52</b>
<b>4.2</b>	<b>Religião e política durante a Ditadura Militar</b>	<b>57</b>
<b>4.3</b>	<b>Efeitos da Ditadura Militar em Bacabal</b>	<b>59</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>63</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>64</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa analisar a Assembleia de Deus, em Bacabal-MA, a partir da trajetória do pastor Boaventura Pereira Sousa. O recorte temporal 1963-1996 corresponde ao momento em que Boaventura Pereira Sousa esteve à frente da Assembleia de Deus neste município, temporalidade fundamental para a análise da consolidação e expansão dessa igreja.

O processo de escolha do objeto teve início na disciplina de Teoria e Metodologia, quando começamos a delinear e aperfeiçoá-lo ao ingressarmos no grupo de estudo RHIMAS-Religiosidade História Imagem Memória e Antropologia Social, ambos sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Milena Galdez Ferreira. O convívio e o diálogo com o grupo nos possibilitaram um conhecimento mais apurado sobre a História das Religiões e Religiosidades e serviu para impulsionar o desenvolvimento deste trabalho.

Um segundo fator que contribuiu para a realização desta pesquisa foi à possibilidade de conhecermos a estrutura organizacional da instituição religiosa, Assembleia de Deus, que desde cedo integro como membro e que, apesar de parecer familiar, não nos era necessariamente conhecida como objeto de estudo, por isso, foi “preciso transformar o familiar no exótico” (DAMATTA, 1991, p. 183)

Esses fatores serviram para que pudéssemos nos empenhar nas leituras sobre a temática abordada, por autores que trabalham com o protestantismo no Maranhão e no Brasil dentre os quais é possível destacar: Lyndon Santos, com a obra *As outras faces do sagrado: Protestantismo e cultura na Primeira República*. Através desta obra foi possível conhecer personagens que contribuíram com a expansão do protestantismo maranhense, principalmente no interior do estado e nos proporciona uma historiografia articulada entre o espaço sagrado com suas várias ramificações e a cultura desses agentes históricos.

O contato com a dissertação de mestrado *Representação de si e prática da escrita na religião: a produção de Estevam Ângelo de Souza na Assembleia de Deus no Maranhão (1957-1996)* de autoria de Elba Fernanda Mota (2013), na qual analisa as obras da maior liderança pentecostal do estado do Maranhão, Estevam Ângelo de Sousa, que ocupou o cargo de pastor presidente durante 39 anos na Assembleia de Deus em São Luís, também enriqueceu e aprofundou a construção deste objeto de pesquisa. As contribuições teórica e metodológica de autores são relevantes para este trabalho, não somente por se tratar de um personagem/sujeito (Estevam Ângelo de Sousa) tão próximo do personagem/objeto da pesquisa em curso (Boaventura Pereira Sousa) como também pela proximidade do recorte temporal de ambas as pesquisas, uma vez que os agentes em estudo são irmãos consanguíneos

e assumem e deixam o ministério pastoral em temporalidades tão próximas<sup>1</sup>. Do mesmo modo, torna-se relevante pela abordagem e problematização do território maranhense como espaço de implantação e expansão do pentecostalismo assembleiano em um período de transição política e cultural<sup>2</sup> no estado.

Ainda no campo da historiografia maranhense, Adroaldo José Silva Almeida (2016) com a tese de doutorado *“Pelo Senhor, marchamos”*: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985) apresenta o posicionamento da AD durante o regime militar baseado na análise do principal periódico impresso da Assembleia de Deus no Brasil, o jornal *Mensageiro da Paz*. Diante da implantação da ditadura civil militar, o periódico se abstém de noticiar o episódio “e, ainda, demonstra claramente a posição das igrejas Assembleias de Deus em favor do governo” (2016, p.105). O diálogo com este trabalho contribui para compreender as reações da igreja frente ao campo político no tempo presente, visto que o próprio pastor Boaventura Sousa afirma o apoio da igreja ao golpe militar, apesar de um membro de sua família ser investigada e presa por militares no Maranhão.

É necessário também destacar o trabalho de Gedeon Freire de Alencar (2010) que contribui para compreendermos a estrutura organizacional da Assembleia de Deus no Brasil a partir dos seus fundadores em meados da década de 40 do século XX (1911-1946), o autor aborda ainda, a implantação e militância da AD. Bem como a autora Marina Correa (2013), da mesma maneira que Alencar segue praticamente a mesma linha de pesquisa que nos auxilia. A autora aborda a temática sobre os ministérios, carisma, exercício poder e as especificidades assembleianas. Há também autores como Leonildo Silveira Campos (2005) e André Dionei Fonseca (2011) que colaboram significativamente para o desenvolvimento desse trabalho.

Com base nessas leituras e em concordância com os apontamentos de Elba Fernanda Mota, quando afirma que há uma ausência de interesse pela figura do pastor (2013, p.33),

---

<sup>1</sup> Estevam Ângelo de Souza assume a presidência da Assembleia de Deus em São Luís em 1957 e deixa a frente da AD dia 14 de fevereiro de 1996 após ser vítima fatal de um acidente automobilístico e Boaventura Pereira Sousa assume a presidência da Assembleia de Deus em Bacabal em 30 de agosto de 1963 e transferiu a presidência da AD ao seu sucessor, o pastor Francisco Raposo Soares Filho, dia 19 de abril de 1996, após ser jubilado (aposentado) do cargo que exerceu durante 33 anos.

<sup>2</sup> No contexto político destacamos o fim do vitorinismo (1946-1965), chefiado por Vitorino Freire e o início do governo de José Sarney (1966) com a promessa de modernização ao “Maranhão Novo”. O projeto modernizante de Sarney fazia o “contraponto ao Maranhão “atrasado” representado pela oligarquia vitorinista (COSTA, 1997, 06) embora aconteça a mudança dos dirigentes políticos as práticas políticas administrativas continuam as mesmas. Culturalmente apesar de ser essencialmente agrário o Maranhão passa delinear pequenos traços da urbanização, ainda que as intervenções urbanistas na capital tenha início em meados dos anos 1930, (para mais ver: Marcelo Costa, “UM TUFÃO URBANÍSTICO VARREU A PRAÇA”: a experiência da modernização urbana de São Luís 1936-1950).

optamos por realizar a presente pesquisa em torno da figura máxima da denominação protestante em Bacabal.

Quando caracterizamos o pastor como figura máxima na denominação protestante é porque na Bíblia, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento há uma analogia que o povo (fiéis) é como um rebanho, enquanto os pastores são representantes de Deus<sup>3</sup>. O termo pastor vem do grego *poimén* e o “verbo (*poimaino*, associado a essa palavra) também aponta para a tarefa de apascentar, ou seja, prover as necessidades das ovelhas, conduzindo-as na direção de bons pastos e de água fresca<sup>4</sup>”. Com base na figura que esses termos evocam, conclui-se que o pastor, como oficial eclesiástico, também deve apascentar o denominado “povo de Deus”, garantindo-lhe o auxílio de mantimento, alívio espiritual, orientação ao seu rebanho para que esse não se perca, garantir o bem-estar de suas ovelhas, protegê-las dos predadores metaforicamente o “mundo”, conforme Saulo Baptista (2013, p.234) “o mundo era, para o movimento pentecostal, um lugar de trevas e estava tomado pelas forças do maligno”.

Logo, justificamos a preferéncia pela trajetória, atuação/comportamento e a figura emblemática do pastor Boaventura Pereira Sousa, por este ser ferramenta relevante para a realização da análise e compreensão da difusão do protestantismo no Médio Mearim. Além disso, é possível compreendermos as peculiaridades do pentecostalismo no interior maranhense com ênfase na conjuntura de atuação da maior liderança na Assembleia de Deus em Bacabal nos seus diversos aspectos: social, político e religioso.

A Assembleia de Deus no Brasil teve início ainda nas primeiras décadas do século XX com o protestantismo de missão no qual “todos os missionários eram norte-americanos” (DREHER, 2003, p.56), embora os fundadores da AD, Daniel Berg e Gunnar Vingren, fossem de origem sueca ambos são emigrados dos Estados Unidos. Segundo Lyndon de Araújo Santos, o trabalho se expande nacionalmente começando pela região Norte e Nordeste, chegando ao Maranhão em 1922 sob liderança do missionário Nels J. Nelson que implantou o pentecostalismo na capital e no interior, sendo substituído pelo pastor Alcebíades Pereira Vasconcelos em 1941, responsável pela ampliação, estruturação e centralização do pentecostalismo em São Luís, e, posteriormente, foi sucedido em 1957, por Estevam Ângelo de Souza que consolidou a Assembleia de Deus, formando a maior Igreja evangélica do estado.

---

<sup>3</sup> Informação retirada da *Bíblia da mulher*: leitura, devocional, estudo. 2 ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, p. 488,2009.

<sup>4</sup> Disponível em:< <http://igrejaredencao.org.br/os-deveres-dos-pastores-no-trato-com-os-> pastoral acesso em: 20 de agosto de 2016.

No Maranhão também houve intensa atuação de missionários assembleianos na capital e no interior maranhense, destacamos o missionário húngaro João Jonas, convertido em Belém do Pará e designado a evangelizar municípios e povoados da região Central do estado. Em meio às viagens evangelísticas, o missionário consagrou o primeiro pastor da Assembleia de Deus em Bacabal, Francisco Assis Gomes, que foi responsável pela organização do campo de trabalho em Bacabal.

Este trabalho se estrutura na História Cultural que a partir da crise de paradigmas no século XX, como relata Sandra Pesavento (2008, p.28), a História é reformada e uma Nova História Social passou a se desenvolver, tanto dentro do marxismo quanto fora dele, a partir da escola francesa dos *Annales* e nos permite através das inovações dos métodos de pesquisa a análise da cultura e do ser social na contemporaneidade (tempo presente).

A pesquisa se estrutura ainda, na História das Religiões que após a sua dessacralização iniciada no século XVI, se torna disciplina na primeira metade do século XIX e a partir de então, inicia uma estrutura teórica e metodológica muito lentamente como nos apresenta Jacqueline Hermann (1997, p.315). Esses avanços na História, tanto no campo sociocultural como no religioso, torna possível o desenvolvimento da pesquisa.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa é a História Oral (entrevista) que de acordo com Verena Alberti (2006, p.160), é uma metodologia de pesquisa e constituição de fonte para o estudo da História Contemporânea que surgiu em meados do século XX e chegou ao Brasil em meados da década de 1970, com a proposta fundadora de estudar a trajetória e o desempenho das elites brasileiras na sociedade desde a década de 1930, onde se procurava conhecer os conflitos e as formas de conceber o mundo ferramenta essencial para a execução da presente pesquisa.

Segundo Verena Alberti (2006, p.178), História Oral é uma “história dentro da história” que requer do entrevistador/historiador sensibilidade para reconhecer os fatores que influenciam o andamento da entrevista e leva-los em conta quando de sua análise. Concordando com Alberti, a abordagem da nossa pesquisa está inserida na história de vida, já que, tem como interesse a trajetória de vida desde a infância do pastor Boaventura Pereira Sousa, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que ele presenciou ou se inteirou. Porém, não deixa de ser também uma entrevista temática, uma vez que esta envolve alguns temas relevantes para o aprofundamento da pesquisa. (ALBERTI, 2006, p.175).

A História Oral é um método alicerçado na narrativa e a narrativa é constituída pela memória e esta por sua vez não é um núcleo impenetrável, com o tempo o depoimento muda,

por isso nossa tarefa é interpretar criticamente todos os documentos e narrativas, conforme Portelli (1996, p.106).

Para Marieta Ferreira (2002, p.326), “a história oral, é um instrumento privilegiado para recuperar memórias e resgatar experiências de histórias vividas”, mas não há um resgate perfeito e total, a história oral permite chegar-se a uma recuperação aproximada do vivido, pois quando o entrevistado (re)elabora o vivido, há uma disputa de memória entre o dizível e o indizível, entre o individual e o coletivo, “como reelaboração, passa não só pelo crivo das críticas feitas aos acontecimentos da sociedade, mesclando memória individual e oficial; como também por um repensar da própria ação, por uma reconsideração das suas atitudes, a partir de um ponto de vista reconsiderado no tempo” (VIDAL, 1990, p.81) Logo, é notório que a metodologia da história oral é um auxílio e “não a solução para tudo” (ALBERTI, 2004, p.22).

A metodologia da História Oral é relevante ao desenvolvimento deste trabalho por articular-se com a entrevista *temática*, pois versa sobre a participação do pastor Boaventura Pereira Sousa no pentecostalismo do Médio Mearim, e com a entrevista de *história de vida* já que tem como centro de interesse o próprio Boaventura Sousa e suas experiências vividas (ALBERTI, 2005, p.37).

Outras fontes utilizadas na construção deste trabalho são: cartas de mudanças, (documento de transferência do membro para outra igreja evangélica emitido pela igreja local, com caráter de um atestado em favor da conduta espiritual do portador), e através da sua análise podemos visualizar a migração de origem, procedência dos fiéis e para onde vão (destino) quando saem de Bacabal, importante para identificarmos a dinâmica expansionista da Igreja Assembleia de Deus no Médio Mearim. Além da auto biografia do pastor Boaventura Pereira Sousa e alguns documentos institucionais como cartas, relatórios de reuniões e resenhas conversão de pastores.

No primeiro capítulo será apresentado o histórico do pentecostalismo e da Assembleia de Deus no cenário religioso nos primeiros anos do século XX. A primeira parte visa discorrer sobre a origem e o histórico do pentecostalismo nos Estados Unidos, a segunda parte apresenta o pentecostalismo e Assembleia de Deus no Brasil e no terceiro momento, apresentamos também o pentecostalismo e Assembleia de Deus no Maranhão e em Bacabal.

No segundo capítulo visamos apresentar a trajetória do pastor Boaventura Pereira Sousa na Assembleia de Deus de Bacabal em seus diversos aspectos de vida: migração, família, educação, ministério pastoral e várias funções exercidas, elementos importantes para compreender a dinâmica e difusão do protestantismo no interior maranhense. E por fim, no

terceiro capítulo buscamos apresentar o posicionamento da Assembleia de Deus diante da implantação da Ditadura Militar e identificar a relação entre católico e protestante no Médio Mearim.

## 2 HISTÓRICO E EXPANSÃO DO PENTECOSTALISMO E ASSEMBLEIA DE DEUS

O pentecostalismo<sup>5</sup> surgiu nos anos iniciais do século XX, pois os protestantes americanos se apropriam do reavivamento espiritual, que teve início pelo britânico John Wesley, membro da igreja Anglicana, que se juntou com alguns professores e estudante de Oxford, no “início do século XVIII, na Inglaterra” (CORREA, p.39. 2013). Conforme Marina Correa (2007, p.587), a intenção de Wesley não era fundar uma nova igreja, mas levar os amigos para a igreja a qual pertencia (igreja Anglicana), para Rovílio Costa “John Wesley, quis renovar o episcopalismo ou anglicanismo”. Sua preocupação era conduzi-los a uma nova vida espiritual, mas após ser expulso da IA, começou a pregar ao ar livre para todos que desejavam mudanças. Em 12 de maio de 1739, John Wesley fundou a “primeira capela” metodista.

O movimento reavivalista, a começar pelo metodismo, foi responsável pelo surgimento de várias organizações religiosas que seguiram a mesma linha de doutrina cristã. Costa afirma que:

No século XIX, surgiu, dentro do metodismo, um movimento de renovação, para o qual não bastava a conversão para a salvação, mas se fazia necessário o cristão passar por uma experiência religiosa profunda, denominada *batismo no Espírito Santo*. (COSTA, 2007, p.587)

Marina Correa (2013, p.40) destaca “o movimento de santificação”. Conforme Leonildo Campos foi na segunda metade do século XIX que a inspiração *holiness*, a busca da “santificação” tornou-se mais exacerbada. O capuchinho Rovílio Costa descreve o comportamento adotado pelos novos convertidos durante a santificação, processo que antecede o batismo no Espírito Santo.

Em primeiro lugar, a conversão precede necessariamente à recepção do Espírito Santo... A segunda condição é a obediência. O convertido pode obter o Espírito Santo, por meio da obediência. A obediência pode ser ativa ou passiva. A *obediência ativa* consiste em se afastar do pecado, que desagrada a Deus. O crente busca esse afastamento, mediante a expiação de Cristo. Ao se purificar pelo sangue de Cristo, o crente passa por gradual santificação. Na medida em que cresce nessa santificação, pode chegar à experiência do batismo do Espírito Santo... A *obediência*

<sup>5</sup> **Pentecostalismo** é um movimento de renovação de dentro do cristianismo, que coloca ênfase especial em uma experiência direta e pessoal com Deus através do Batismo no Espírito Santo. A palavra Pentecostal é derivada de Pentecostes, que ficou conhecida como a “feira das semanas”, pois era comemorada no dia seguinte ao sétimo sábado depois da Páscoa, uma semana de semanas “que contam 50 dias, o nome passou a ser “Pentecoste”, que vem do grego quinquagésimo”. Cinquenta dias após a ascensão de Jesus, durante a festa de Pentecoste (feira da Semana) o Espírito Santo desceu sobre os crentes, acontecimento descrito no livro de Atos 2.1-4.

*também é passiva.* Após a busca ardorosa, é preciso esperar a doação dos dons. Essa passividade compreende a submissão ao Espírito Santo e a permanência na comunhão pentecostal. (COSTA, 2007, p.592-593, grifos do autor)

Marina Correa em uma abordagem sobre a temática também nos apresenta que após a conversão, o novo convertido ao pentecostalismo começa a ter novas atitudes no cotidiano que seria a busca pela perfeição, “incluindo as leituras bíblicas que eram feitas de forma marcantes, na tentativa de tocar emocionalmente os seguidores” (CORREA, 2013, p.41) para manter o equilíbrio espiritual o convertido precisa afastar-se do que o faz pecar, logo santificar-se é separar-se. Para Leonildo Campos:

Esses movimentos de busca de santidade e batismo com o Espírito Santo apontam muito mais para a continuidade do que para as rupturas desse nascente pentecostalismo em relação ao protestantismo avivalista e puritano que o gerou. (2005, p. 106)

Campos apresenta em seu texto que o avivamento iniciado por John Wesley, está dividido em duas etapas: a primeira é a conversão, a segunda santificação, a terceira<sup>6</sup> é o batismo no Espírito Santo. O autor também as qualifica de primeira, segunda e terceira bênçãos respectivamente, além disso, ressalta que a “segunda bênção”, complementa a primeira, isto é, após a conversão começaria uma fase de aperfeiçoamento moral, chamado de “processo de santificação” (CAMPOS, 2005, p.110). Ainda conforme Campos, a discussão sobre a origem do pentecostalismo é complexa, e o autor argumenta que

Seria superficialidade científica historiar o pentecostalismo tão-somente a partir de 1901, quando houve em Topeka as primeiras manifestações dentro do formato que tornou esse movimento mundialmente conhecido. Também é incorreto atribuir as causas de seu sucesso tão-somente ao pólo irradiador de Los Angeles, onde em Azusa Street, em 1906, eventos novos sacudiram o já turbulento cenário religioso norte-americano (CAMPOS, 2005, p.108).

O autor defende que, embora as referências históricas do moderno movimento pentecostal apresentem Charles Parham como o fundador do Movimento Pentecostal e atribuam o sucesso do pentecostalismo ao evento na Rua Azusa Street, no qual William Joseph Seymour em 1906 na cidade de Los Angeles (Califórnia) liderava uma igreja Metodista Africana, o pentecostalismo começou bem antes e a publicação do acontecimento

---

<sup>6</sup> A terceira bênção foi defendida por Charles Fox Parham no jornal *The Apostolic Faith*. Em suas publicações, ele defendia a necessidade das pessoas se submeterem a uma “terceira bênção” em sua carreira de fé, embora a tradição metodista falasse em apenas duas bênçãos: “conversão” e “santificação”. Vide CAMPOS, Leonildo Silveira. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada**. Revista USP, São Paulo, n. 67, p.100-115. Setembro/novembro, 2005. p.108

na Rua Azuza pelo jornal norte-americano contribuiu para que o evento tivesse maior notoriedade e fosse apresentado como um dos marcos iniciais do movimento pentecostal juntamente com o episódio em Topeka no ano de 1901. Sobre o acontecimento da Rua Azuza o autor descreve que

Começaram a sair gritos, convulsões, profecias, glossolalias, curas, milagres, prodígios e toda sorte de coisas, que rapidamente chamou a atenção da imprensa e, por meio dela, de todo o país. Em 18 de abril de 1906, o jornal *Los Angeles Times* publicava uma matéria que começava afirmando estarem os seus repórteres diante de “uma sobrenatural babel de línguas” e de uma “nova seita de fanáticos” formada em sua maioria por negros e imigrantes. (CAMPOS, p. 110, 2005)

Leonildo Campos na sua argumentação sobre a origem do pentecostalismo propõe que John Wesley foi o precursor do avivamento espiritual e pouco se observa ao fato que os principais personagens, Charles Fox Parham e William Joseph Seymour, que se destacam como fundadores do pentecostalismo tiveram contato com o método wesleyano, no qual “os seguidores de Wesley receberam o nome de “metodistas”, exatamente por causa dos métodos proposto para o aperfeiçoamento da vida espiritual.” (2005, p.110) e conforme o autor, “Parham foi durante alguns anos, pastor metodista [...] Todavia, a sua inserção nessa denominação religiosa durou apenas cinco anos” e Seymour na adolescência se converteu na igreja Batista e em 1895 “se tornou membro da Igreja Metodista Episcopal” (CAMPOS, 2005, p.109 e 111). E o autor continua em sua contestação, sobre a origem do pentecostalismo:

Assim, o pentecostalismo pode ser visto com o olhar da continuidade, pois nos EUA seguiu por picadas abertas por outros movimentos religiosos cristãos que os antecederam: o pietismo alemão, o reavivacionismo anglo-saxão e os movimentos de santidade. Por sua vez, em sua expansão, particularmente, na América Latina, o pentecostalismo seguiu caminhos batidos pela religiosidade popular católica, beneficiando-se, por outro lado, da inserção do protestantismo na América Latina, África e Ásia. Em outras palavras, em sua primeira fase de expansão, o pentecostalismo pescou em aquários onde estavam os peixes colhidos pelo protestantismo histórico<sup>7</sup>.

O autor conclui que provavelmente o pentecostalismo surgiu bem antes dos eventos ocorridos em 1901 e em 1906, como já mencionados, a imprensa contribuiu para a divulgação desses acontecimentos e tomaram maior proporção. As experiências vividas anteriormente por grupos do reavivamento espiritual, os quais não tiveram reconhecimento imediato por conta da falta de divulgação, principalmente da imprensa, cooperaram significativamente na base espiritual dos então “fundadores” do pentecostalismo. Diante disso, o autor afirma ser mais

---

<sup>7</sup> Ibidem.

uma continuidade do “pietismo alemão, do reavivacionismo anglo-saxão e dos movimentos de santidade” que antecederam o pentecostalismo do que uma ruptura.

Não podemos desconsiderar as contribuições que o protestantismo histórico teve na formação do movimento pentecostal, mas a ênfase ao Espírito Santo, a busca impetuosa pelo batismo (falar em línguas estranhas) é, de fato, um dos marcos e diferencial em relação ao movimento avivalista, o que talvez contribuiu significativamente para que os episódios em 1901, em Topeka com Charles Parham e, em 1906, na Rua Azuza com o William Joseph Seymour em Chicago, fossem considerados os marcos iniciais do pentecostalismo.

Conforme Lyndon Santos, o pentecostalismo trouxe uma nova concepção de experiência religiosa dentro do campo protestante e que iria se enraizar na religiosidade brasileira, afirma ainda que, a mensagem pentecostal distinguia-se da pregação protestante pela ênfase doutrinária e experiencial do falar em outras línguas, quando do batismo com o Espírito Santo, pela maneira de se vestir, postura, técnica e pela forma como se estruturava a experiência religiosa (SANTOS, 2006).

É notório que socialmente a semente do movimento pentecostal caiu em solo fértil já que, este movimento germinou entre a população norte americana menos favorecida, sendo disseminada entre os pobres, negros, imigrantes e deserdado nos Estados Unidos (CAMPOS, 2005 p.102). “oferecia às pessoas traumatizadas por uma guerra civil<sup>8</sup> terrível, pela falta de um norte seguro, algumas ilhas de certezas<sup>9</sup>”. Os pobres que eram marginais socialmente, ao se tornarem pentecostais continuaram marginais sociais de forma macro<sup>10</sup>, uma vez que conforme Elba Mota, os habitantes do norte dos Estados Unidos observavam com desconfiança e preconceito os eventos do Sul do país, pois a maioria era branca e defendia a manutenção do antigo culto protestante rigidamente. Ainda conforme Mota (2013, p. 35), a imprensa qualificou a experiência pentecostal de africanização da cultura americana, pela evidencia de negros na mídia e na religião.

As resistências enfrentadas pelos pentecostais no início do movimento, não eram vistas negativamente, eram consideradas como perseguições que contribuiriam para que buscassem ainda mais uma experiência individual através do Espírito Santo e sofrer pela causa de Cristo era honroso e caso morressem por conta das perseguições iriam gozar da vida eterna juntamente com Deus nas dimensões celestiais. Conforme os escritos do Novo

---

<sup>8</sup> A guerra civil americana ou Guerra de Secessão (separação) ocorreu de 1861 a 1865, um violento conflito entre grupos dominantes do norte (burguesia industrial) e do sul (aristocracia rural) por conta de diferentes interesses econômicos.

<sup>9</sup> Ibid. p.105

<sup>10</sup> ALENCAR, Gedeon Freire de. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus. Assembleia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Bernardo do Campo, SP.2010. p. 127

Testamento, principalmente as cartas do apóstolo Paulo, na qual destacamos a carta aos Filipenses 1:21 “Porque para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro”, toda a vida dos cristãos tinham que está relacionada com o sagrado e nada poderia quebrar o elo da comunhão espiritual, nem mesmo a morte.

Dessa forma, os conflitos tornaram-se positivos, pois lhes assemelhavam com a igreja primitiva, principal inspiração para o pentecostalismo, onde os mártires e as perseguições eram positivados e os motivavam a prosseguir na sua caminhada de fé e no crescimento espiritual.

O cenário político e social dos EUA não era um dos melhores no momento em que houve a eclosão do pentecostalismo. O país passava pelo processo de urbanização e industrialização.

Nessa grande efervescência do campo religioso também refletiam as agitações dos últimos 35 anos do século XIX, que ficaram marcados pelo trauma da Guerra Civil; libertação dos escravos negros; tensões raciais; crise prolongada do mundo da agricultura no sul do país; mobilidade populacional em direção às cidades do norte em processo de industrialização; chegada de milhões de imigrantes brancos, que vinham refazer na América laços rompidos pela pobreza e miséria na Europa. (CAMPOS, 2005, p.105)

Havia um momento oportuno para que a explosão pentecostal ocorresse, o mesmo aconteceu com as propostas avivalistas de John Wesley, que fizeram tanto sucesso na Inglaterra nos difíceis dias iniciais da Revolução Industrial<sup>11</sup>. Modelo que também não difere da conjuntura social do Brasil quando o pentecostalismo chegou por meio dos missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, ao aportarem no Pará, no dia 19 de novembro de 1910, vindo dos Estados Unidos, cuja principal missão da dupla era a evangelização e “ganhar alma”, ou seja, conversão das pessoas ao protestantismo.

## **2.1 Pentecostalismo e assembleia de Deus no Brasil**

Segundo Marina Correa (2013), Daniel Berg e Gunnar Vingren eram membros da Igreja Batista na América do Norte e já conheciam o pentecostalismo, pois participaram de avivamento pentecostal e de modo particular receberam a revelação de Deus para virem ao Brasil. Berg e Vingren eram adeptos ao pentecostalismo oriundo de William H. Durham

---

<sup>11</sup> Ibidem

pastor da Igreja Batista em Chicago, assim como Louis Francescon<sup>12</sup>, que também veio ao Brasil e fundou a Congregação Cristã no Brasil (CORREA, 2013, p.41).

A ausência de um templo para realização das reuniões foi determinante para que Berg e Vingren começassem a trabalhar como auxiliar dos pastores também suecos, da Primeira Igreja Batista do Pará (PIBPA). Após alguns desentendimentos doutrinários e teológicos entre Eric Alfred Nilsson, pastor da Igreja Batista, e os jovens missionários, ambos foram expulsos da Igreja.

O rompimento entre o pastor da igreja Batista em Belém com jovens missionários pentecostais não lhes paralisou e logo passaram a realizar os cultos (reuniões) na casa de Celina Albuquerque, com participação de 17 pessoas. Em 1914 foi inaugurado o primeiro templo da Assembleia de Deus, com o nome de igreja de Missão de Fé Apostólica, porém a denominação só foi registrada oficialmente em 1918 com a nomenclatura modificada para Assembleia de Deus e a inauguração do templo central no Pará foi realizada dia 30 de outubro de 1926. (MOTA, 2013, p.38-40)

Os missionários suecos, Vingren e Berg, cheios de fervor, se preparam para levar as primeiras pregações às terras estrangeiras, especificamente no Brasil. Nessa época, Belém do Pará era dona de um solo fértil, pois havia classes sociais marginalizadas por todo tipo de má sorte, pela pobreza, malária, lepra e doenças diversas. (CORREA, 2013, p. 53)

Quando o pentecostalismo chegou ao Brasil por meio dos missionários, o país passava pelo processo de urbanização e industrialização. “nas primeiras décadas do século XX, o Brasil tornou-se o maior produtor e exportador mundial de borracha” através da extração do látex das seringueiras, o chamado “ouro branco” da Amazônia, teve influencia direta no desenvolvimento da indústria automobilística dos Estados Unidos e Europa, onde Belém e Manaus foram as grandes beneficiárias do ciclo da borracha. A economia do país cresceu significativamente e “contribuiu para a construção de casas, de prédios públicos, de estradas, de teatros e escolas” (CORREA, 2013, p. 93).

Por conta da primeira fase da borracha (1870-1910), o trânsito migratório era intenso com grandes levas de nordestinos e contribuiu para a expansão da Assembleia de Deus, pois na medida em que os trabalhadores convertidos ao pentecostalismo migravam, eles expandiam as doutrinas pentecostais onde chegavam, entre familiares e amigos.

---

<sup>12</sup> Atuou em colônias italianas no Sul e Sudeste do Brasil, originando a congregação cristã do Brasil. CORREA, Marina Aparecida O. dos Santos. **Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p.41

## 2.2 Pentecostalismo e Assembleia de Deus no Maranhão e em Bacabal

Segundo Pekelman Silva (2006), a Assembleia de Deus chegou ao Maranhão em 1921 sob liderança do colombiano Clímaco Bueno Aza que ficou pouco tempo a frente da igreja e no mesmo ano foi substituído por Manoel da Penha, o qual foi considerado oficialmente o primeiro pastor da Assembleia de Deus em São Luís, conforme Elba Mota (2013).

De acordo com Lyndon Santos (2006), os anos de 1921 a 1940 foi um período caracterizado pela implantação do pentecostalismo na capital e no interior sob a liderança do missionário Nels J. Nelson. No interior maranhense, foi designado para atuar o missionário João Jonas, convertido em Belém do Pará. Os seus ensinamentos priorizavam a evangelização e as doutrinas sobre o *batismo no espírito santo*. As instruções sobre o Espírito Santo eram uma preocupação dos pastores pentecostais, pois, era Ele (o Espírito Santo) quem capacitava os fieis na caminhada cristã, como relata Santos.

A própria ênfase do Espírito Santo, como batizador e doador de dons, tornava o humano sujeito às manifestações e, portanto, secundário na compreensão do sagrado. Mas esta condição de *visitado* e *capacitado* pelo Espírito Santo tornava este humano um elemento ativo de realizações das *obras* preanunciadas pela soberania da terceira pessoa da trindade. (SANTOS, 2006 p.56, grifos do autor)

O campo religioso maranhense era hegemonicamente católico no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, embora já houvesse a presença de algumas<sup>13</sup> igrejas evangélicas, a realidade religiosa do Maranhão não estava muito distante do cenário religioso brasileiro. Cujas religiões oficiais eram o catolicismo, Silva (2015) a diversidade religiosa era formada por tradições de origem africana, indígena e outras expressões minoritárias, os judeus, islâmicos e protestantes não apresentava ameaça ao domínio católico, as religiosidades indígenas e africanas tinham tanta representatividade foram rechaçadas por parte da igreja católica e do Estado e, posteriormente demonizadas pelas igrejas evangélicas, inclusive a Assembleia de Deus.

No Maranhão, as igrejas que aqui já se encontravam antes da AD, não chamaram tanto a atenção da igreja católica provavelmente pelo fato de não serem pentecostais, uma vez que pentecostal é sinônimo de barulho, gritos e efervescência emocional. Era praticamente impossível passar despercebida e de alguma forma não incomodar não só o espaço de outras

---

<sup>13</sup>Conforme Lyndon Santos, em 06 de junho de 1886 houve a inauguração do templo da Igreja Presbiteriana . A Igreja Presbiteriana Independente (IPI) de São Luís foi fundada em 24 de setembro de 1903. Os Batistas organizaram a primeira igreja em 23 de maio de 1908. Em 1910 a Assembleia de Deus chegou ao Brasil..

igrejas como também a vizinhança, o que talvez tenha contribuído para a AD sofrer as perseguições tão presentes nos seus relatos históricos.

Apesar de a igreja católica ser a religião oficial no Brasil, “a Constituição imperial de 1824 não garantia ao catolicismo o *status* de ser a única religião do país,” (SANTOS, 2006, p.27, grifo do autor). Segundo Elizete da Silva (2015, p.17) “poderosas denominações protestantes anglo-saxônicas passaram a olhar o país como uma terra de missão”. O chamado protestantismo de missão começou no Brasil com os Metodistas em 1835, através do missionário Fontain E. Pitts enviado dos EUA, para fazer uma análise do campo missionário brasileiro (D’AVILA, 2006, p.76). Posteriormente, chegaram ao Brasil missionários estrangeiros que “representavam missões congregacionais, presbiteriana, batistas e episcopais respectivamente” (SILVA, 2006, p.24).

O pentecostalismo no Brasil e no Maranhão não foge a regra, sua expansão foi propagada por missionários estrangeiros, como já apresentados e em seguida por missionários locais. Em São Luís e nos lugares mais longínquos do estado, a Assembleia de Deus foi difundida por conta das atuações evangelísticas de missionários que encontraram principalmente no interior maranhense um ambiente favorável para divulgar sua mensagem fundamentada principalmente no derramamento do Espírito Santo e na segunda volta de Cristo.

Para Pekelman Silva, (2006) se o pentecostalismo representa um lenitivo para as massas pobres oprimidas, encontrou terreno fértil no Brasil. A promessa de um galardão no céu, das bem aventuranças e que todas as coisas, todo sofrimento serão transformados em alegria celestial, foi preponderante para atrair o público para o qual estava sendo propagada a mensagem. O discurso de fraternidade e de “unidade”, onde todos são irmãos na pessoa de Cristo, faz emergir um sentimento de conforto e ajuda. Como relata Manuel da Conceição<sup>14</sup>: “Quando um cara caía doente, os crentes iam lá fazer oração, pedir a Deus. Às vezes tiravam uma coleta pra dar uma contribuição ao cara que o filho estava morrendo. Isso tudo entre os pobres” (SANTOS, 2010, p.103).

Por mais humilde, mais incapaz, mais ignorante que seja, o convertido sente imediatamente que é útil e que nele depositam confiança: chamam-no respeitosamente de *irmão*, seus serviços são solicitados por pessoas que falam como ele e que têm certeza de pertencer ao *Povo de Deus*. (MONTES, 2012, p.84 grifos do autor)

<sup>14</sup> Manuel da conceição foi militante e sindicalista engajado na luta pela terra, atuante na região do Médio Mearim e Pindaré- Mirim, converteu-se ao pentecostalismo na Assembleia de Deus, mas seu envolvimento com os movimentos sociais e as leituras marxistas foi determinante para que ele rompesse com a igreja e permanecesse lutando ao lado de camponeses contra a dominação e exploração no campo.

No interior do Maranhão, o público alvo da Assembleia de Deus era composto principalmente por migrantes, lavradores, camponeses, quebradeiras de coco babaçu, homens e mulheres que constituíram família muito jovem, cuja maioria era predominantemente analfabeta e negra. Pessoas que não recebem nenhuma assistência das políticas públicas e do governo encontram na religião um meio de aliviar a exaustiva carga do cotidiano a qual estão submetidos.

Construíram então um espaço de crenças e fé que recebiam a todos sem distinção de cor e condição social, em que este fiel passava a falar e ser ouvido, aproximando-se do seu mentor espiritual para tanto. Tais anseios não foram encontrados na maior denominação religiosa do período, a Igreja Católica, mas em uma denominação pentecostal, Assembleia de Deus. Este foi o contexto em que as Igrejas assembleianas expandiram-se e nacionalizaram-se. (MOTA, p.46, 2013)

Conforme Gedeon Alencar, “a membrasia assembleiana é fundamentalmente formada pelos mais pobres, os “deserdados”, [...] ”comunidades que viviam na extrema pobreza e através da conversão deixaram de ser sujeitos figurante e “tornam-se protagonistas de algo novo (mesmo sem ter noção da dimensão que isto vai tomar, futuramente); melhor, algo que eles estão construindo” (2010, p.127)

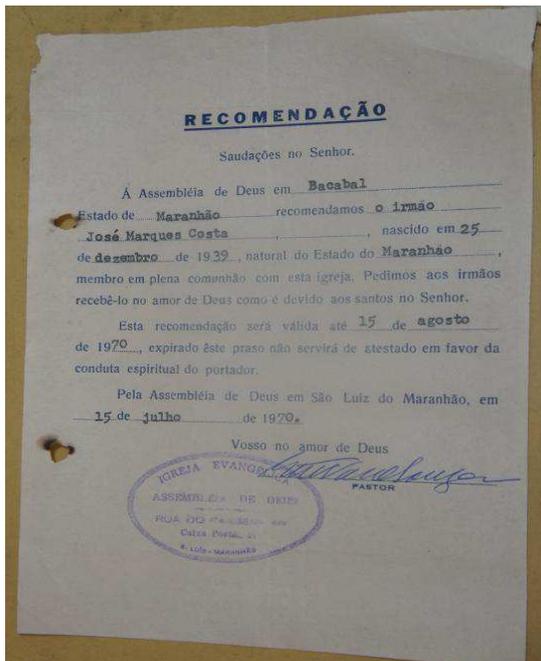
O pentecostalismo ofereceu as funções e o púlpito dos pastores aos semi alfabetos e sem instrução socialmente admitida. Com isso, abriu às portas de suas igrejas a cultura oral das massas populares. O importante para ele não era passar pelos bancos de um colégio ou de algum instituto de formação. Era ser santificado pelo Espírito. Rompeu assim com a dicotomia entre letrados e não letrados. Entre ignorantes e instruídos. Os templos pentecostais se constituíram, então, em espaços sociais onde a cultura popular se associou a religiosidade do povo. (ROLIM, 1985, p.65)

Realidade que não difere do nosso local de estudo, onde através da análise das cartas de mudanças, na sua maioria manuscritas, facilmente percebemos que os pastores enfrentavam dificuldades devido ao baixo grau de escolaridade. Nelas identificamos uma grafia rudimentar que comprova o mínimo de aprendizagem possível entre os primeiros convertidos ao pentecostalismo na cidade de Bacabal<sup>15</sup>.

---

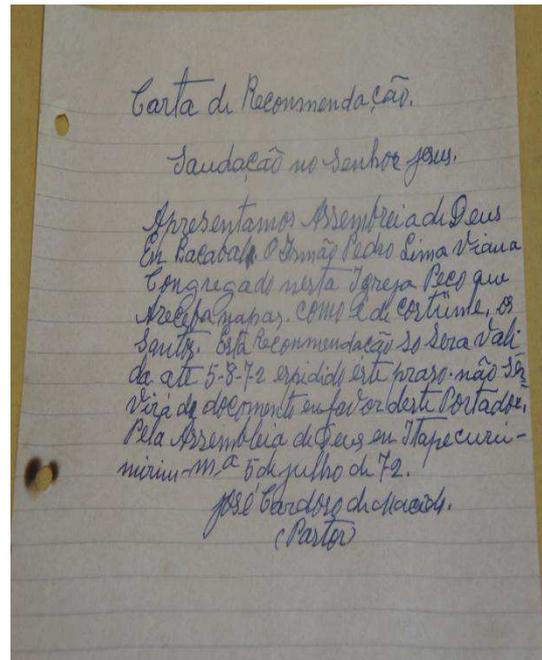
<sup>15</sup>Bacabal foi elevada à categoria de Vila pela Lei nº 932, sancionada pelo Governado Urbano Santos. Em 17 de Abril de 1920; seu município foi oficialmente instalado no dia 07 de setembro do mesmo ano, pelo Decreto Lei nº 159, de 06 de dezembro de 1938, foi elevada à condição de cidade [...] localiza-se a 240 km da capital do Maranhão, São Luís, possui área total de 1.983km<sup>2</sup>. Sua população foi estimada em 2014 pelo IBGE em 102.265 habitantes. Vide FERREIRA, Márcia Milena Galdez. **Configurando o espaço social no Vale do Mearim: Terra, Trabalho e Migração**. In FERREIRA, Márcia Milena Galdez Ferreira; FERRERAS, Norberto O. ROCHA, Cristiana Costa da (orgs). **Histórias Sociais do Trabalho: usos da terra, controle e resistência**. São Luís: Café e Lápis; Editora UEMA, 2015, p. 101

Imagem 01- Carta de Recomendação



Fonte: Foto de Márcia Ferreira

Imagem 02: Carta de Recomendação



Fonte: Foto de Márcia Ferreira

Nas imagens acima temos dois modelos de Carta de Recomendação<sup>16</sup>, na figura um o documento foi expedido pela Assembleia de Deus em São Luís no ano de 1970, o membro estava se deslocando com destino a Bacabal e diferente da maioria das documentações que são manuscritas, é um documento digitado e os dados do membro foram preenchidos através de máquina de escrever, o que não era muito habitual. Talvez por se tratar da igreja central do Maranhão e por obter uma organização interna mais estruturada, uma vez que o pastor Estevam Ângelo de Sousa já estava na presidência da IADESL. Na segunda imagem temos uma Carta de Recomendação expedida pela AD em Itapecuru Mirim também da década de 70, século XX. A carta é manuscrita como a maioria, na qual percebemos o

<sup>16</sup>Conforme o regimento interno da IADESL Carta de Recomendação é o documento utilizado pelo membro em trânsito. A sua emissão é feita pelo obreiro da área e tem validade de 30 dias com a apresentação da carteira de membro para o batizado <http://www.iadeslmacentenario.org.br> Acesso em 12/04/17.

pouco domínio ortográfico e, nos testifica que a Assembleia de Deus durante anos manteve uma liderança leiga, pois acreditam na capacitação através do poder e atuação Espírito Santo.

Bacabal está localizada no Médio Mearim, região central do estado, e recebe essa denominação por conta da grande quantidade de bacaba (coco selvagem) existente na localidade, quando da sua fundação (OLIVEIRA, 2002, p.09). É uma região marcada pelo intenso fluxo de migrantes, devido a vasta extensão de terra, fertilidade do solo e abundância de água por causa do rio Mearim, utilizado como meio de transporte pelos moradores e também para o escoamento da produção agrícola local, o que contribuiu para a cidade se destacar na comercialização de produtos como: arroz, milho, algodão e coco babaçu. Como nos apresenta Márcia Milena Ferreira (2015, p.64), Bacabal juntamente com Pedreiras na década de 30 do século XX, foram os maiores produtores de algodão do estado.

A partir da década de 1930 ocorre o desenvolvimento econômico e populacional por efeito da migração intensa e alta produtividade de produtos agrícolas (arroz e algodão), algumas dificuldades na fixação desses habitantes que, na maioria das vezes, estão em constante transição. Os anos 30 são marcados também pela chegada da primeira igreja evangélica na cidade bacabalense, a Assembleia de Deus.

A igreja Assembleia de Deus em Bacabal inicialmente foi formada em 1932 com significativa participação de mulheres procedentes de Engenho Central, hoje Pindaré Mirim, a irmã Ana Pereira Lima e suas filhas Rosa, Gerturdes e Onesinda Lima (ALENCAR, 1997, p.08). porém quem se destaca na evangelização da AD, é Gertrudes Pereira Gomes, uma das filhas de Ana Pereira Lima, que fez de sua casa a primeira congregação em Bacabal com a ajuda das filhas, irmãs e da mãe<sup>17</sup>. Os cultos domésticos foram determinantes para que outras famílias passassem a frequentar as reuniões, com destaque para a família de: Firmo Vieira, família Bispo e família Bentevi.

As famílias Bispo e Bentevi são oriundas da zona rural de Bacabal: a família de Firmo Vieira vem do povoado de Outeiro, a família Bispo saiu de Lagoa Nova (Pedreiras) e fundaram o povoado de Vertente. Dessa forma, ambas as famílias saem dos seus respectivos lugares com destino a Bacabal. na narrativa de Maria Bispo, membro da família, afirma que:

Eles abriram a morada na Vertente, era mata virgem, daí eles foram fazer, uma roça que hoje em dia é onde é a igreja da Vertente, ali naquele lugar eles tiveram, e foram fazer roça [...] fizeram uma barraquinha de palha, eles foram os pioneiros (BISPO, apud FERREIRA 2012, p.21)<sup>18</sup>

<sup>17</sup> <http://www.adbacabal.com.br> acesso em 18 de dezembro de 2016.

<sup>18</sup> Entrevista de Maria Bispo cedida a Marcos Ferreira Silva para elaboração da Revista 75 anos da Assembleia de Deus em Bacabal, pág. 21, 2012.

O pastor Boaventura relata que o povoado de Vertente teve significativa contribuição na implantação do pentecostalismo assembleiano em Bacabal:

Os crentes iniciaram o trabalho em Vertente, abrindo por roça, essas coisas. Isso prova que não existia crente, existia matas. Ora, existia lugar pra trabalhar. Então, Vertente foi a primeira sede de trabalho, depois dominou toda essa região do Vale do Mearim (SOUSA, 2015)<sup>19</sup>.

Os Bentevis, são procedentes do povoado de União, que por se autodesignarem pioneiros no local acrescentaram a denominação do lugar o sobrenome da família e ficou União dos Bentevi, prática bem corriqueira no Médio Mearim, como aborda Ferreira (2015, p.147), onde o próprio nome, apelido ou sobrenome da família pioneira são utilizados para nomear ou complementar os nomes de centros e povoados<sup>20</sup>.

Conforme Alencar (1997, p.09), ainda no ano de 1932 chega em Bacabal João Gregório, que pertencia a igreja Batista na cidade de Rosário e após ser batizado no Espírito Santo (falar em línguas) se uniu as mulheres pentecostais. No mesmo ano o missionário João Jonas chega a Bacabal, em uma visita a igreja de Vertente e consagra João Gregório a presbítero<sup>21</sup> que por motivo de enfermidade, não exerceu a função sendo substituído por Vicente Rodrigues, que era dirigente.

A igreja Batista já se fazia presente no Maranhão, antes da Assembleia de Deus. Conforme Lyndon Santos, “os Batistas iniciaram seus esforços missionários em São Luís, no ano de 1908” (SANTOS, 2006, p.45) e a Assembleia de Deus chega em 1921. Destaque ao trabalho evangelístico do missionário canadense Perrin Smith, que, conforme Francisco Assis Gomes, primeiro pastor da AD em Bacabal. Smith residia na cidade de Barra do Corda e evangelizava todo o Sertão maranhense e o Alto Mearim. Era comum pessoa convertida

<sup>19</sup> Entrevista realizada pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Milena Galdez Ferreira na cidade de Bacabal 2015.

<sup>20</sup> Para conceituar centros e povoados utilizo (apud Ferreira, 2015, p.26) Centros “são agrupamentos de moradias de pequenos produtores agrícolas que se desenvolvem em seus locais de trabalho no interior da floresta”. Distinguem dos povoados pela inexistência de uma ligação mais direta com a sociedade, perceptível na ausência de representantes da igreja, de chefes políticos, de delegados sindicais e de autoridades investidas de poder de polícia.” Mas a medida que esses centros passam a adquirir instituições como: escola, igrejas, sindicatos. Tornam-se povoados alguns chegam a transforma-se em município. FERREIRA, Márcia Milena Galdez. **A construção do Eldorado maranhense: a experiência e narrativa de migrantes nordestinos em municípios do Médio Mearim -MA (1930-1970)** (Tese doutorado em História Social). Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2015, p.26

<sup>21</sup> Função exercida mediante a autorização do pastor do pastor-presidente, no exercício da função este pode pregar e realizar batismo e ceias nas congregações. MOTA, Elba Fernanda. **Representação de si e práticas da escrita na religião: a produção de Estevam Ângelo de Souza na Assembleia de Deus no Maranhão (1957-1996)**. São Gonçalo, RJ. 2013, p.50

transferir-se para outra igreja, o caso de João Gregório, por exemplo, converteu-se na igreja Batista e posteriormente mudou para a Assembleia de Deus.

O pastor Francisco Assis Gomes também se converteu dia 14 de fevereiro de 1931 na igreja Batista em Lagoa Nova, povoado de Pedreiras, na qual Perrin Smith era o pastor e após ser batizado no Espírito Santo passou para a Assembleia de Deus, pois Smith como batista tradicional reprovava as manifestações pentecostais. Quando mudou de denominação Francisco Gomes mudou-se para o povoado de São Loureço, também pertencente a Pedreiras, onde a Assembleia de Deus havia chegado em 1930, através do pastor Manoel Cesar da Silva.

Em 1937 Francisco Assis Gomes, já como membro da Assembleia de Deus, foi consagrado pelo missionário João Jonas ao cargo de diácono<sup>22</sup> para atuar no povoado de Vertente. Após uma viagem evangelística, João Jonas quis consagrar Assis a presbítero, este a princípio resistiu, mas depois aceitou o pedido do missionário e no mesmo ano chegou em Bacabal para organizar o campo de trabalho com sede no município

Conforme os registros da CEADEMA apresentados pelo pastor Rayfran Batista em sua obra *A História da Assembleia de Deus no Maranhão*, AD em Bacabal foi fundada em 15 de novembro de 1937, sob liderança do pastor Francisco Assis Gomes e faz parte das vinte primeiras igrejas organizadas no Maranhão. Em 1938, ocorreu o primeiro batismo em águas com sete candidatos e após 02 anos (1940) acontece a inauguração do primeiro templo da Assembleia de Deus em Bacabal.

Isabel Gama (2012), uma das pioneiras da Assembleia de Deus em Bacabal, faz a seguinte afirmação sobre Assis Gomes, primeiro pastor da referida denominação: “Era interessante que o pastor Francisco Assis, ele falava muito errado, ele veio do interior, aí quando era na Escola Dominical, já tinha as lições bíblicas [...] já tinha, aí ele lia muito errado.”<sup>23</sup> assim que recebeu o convite para ser assumir a AD em Bacabal como presbítero Assis Gomes o recusou, provavelmente pela falta de conhecimento e insegurança.

O pastor Francisco Assis, por sua vez, ciente da sua necessidade em instruí-se que em outrora não foi possível, narra em sua resenha de conversão que teve a oportunidade de estudar no colégio do seminarista Josaphat. “Considerando que meus estudos foram fracos e persuadido de que a missão de um obreiro é de elevadíssima responsabilidade e a sua representação popular merece ser bem honrada” (GOMES, 1985, pág.85). Assis então foi

---

<sup>22</sup> Tem a funções operacionais, cuidando da parte material da igreja e d serviços como o preparo e a organização do culto. MOTA, Elba Fernanda. Ibid. p.50

<sup>23</sup>ibidem, pág.46.

estudar em uma escola de católicos e diz não ver humilhação nenhuma pelo fato de ser evangélico, já que havia conflitos entre pentecostais e católicos.

Gomes (1985) caracteriza ainda, o cargo de pastor como uma representação honrada, já que a função representa/substitui Deus no plano terreno. Roger Chartier é fundamental com o conceito de *representação* “instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma "imagem" capaz de repô-lo em memória” (1988, p.15). Segundo Sandra Pesavento (2008, p.40), representação é “fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é apresentar de novo, que dar a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença” e que a representação tem sentido ambíguo, numa relação de presença e ausência.

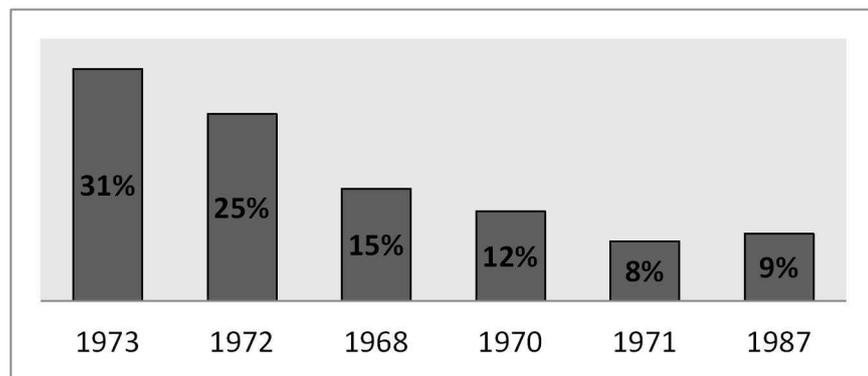
A partir do discurso de Francisco Assis Gomes, é perceptível como a Assembleia de Deus consegue elevar o ego dos novos congregados através dos seus discursos e atrair pessoas de origem simples, que mesmo no anonimato, veem na igreja um meio de se tornar visível, embora não tenha nenhuma instrução para desenvolver a tarefa que lhe foi dada, uma vez que, segundo o discurso dos pastores pentecostais, é o Espírito Santo quem os capacita.

É notório que a formação do pentecostalismo em Bacabal, não é diferente dos traços mapeados por Lyndon Araújo, quando analisa o momento embrionário do movimento pentecostal assembleiano, cujos traços característicos são: primeiro. a experiência clássica das línguas, (glossolalia); segundo, a presença significativa das mulheres; terceiro, as perseguições provocadas pelo espanto de pessoas atraídas pelos ruídos das vozes nas reuniões; quarto traço fazia parte da conjuntura de pobreza e privação e o quinto traço, estava na perspectiva de que o fazer histórico pentecostal esteve a cargo de pessoas oriundas das camadas mais baixas da população, de homens e mulheres incultos que encontraram, no espaço do sagrado, as oportunidades de se projetar (SANTOS, 2006).

Nos anos iniciais da Assembleia de Deus em Bacabal, a migração constante dos membros assembleianos foi um dos principais obstáculos enfrentados pelos pastores, pois não conseguiam centralizar os fiéis por conta da intensa dispersão entre os congregados. Muitas famílias saíam dos povoados e cidades vizinhas com destino ao centro de Bacabal, pois a cidade passava pelo processo de urbanização, conforme o pastor Boaventura, “Bacabal era o centro comercial de toda região”. A cidade estava em transformação, o comércio em ascensão, empreendimento industrial responsável pela fabricação de óleo, descaroçar de algodão, usinas de arroz e coco babaçu, inaugurações de lojas, farmácias, escolas, estradas etc. Todos esses fatores contribuíram para que as pessoas se deslocassem para Bacabal.

Porém, esses migrantes não permaneciam por muito tempo em Bacabal, logo migravam para outras localidades, formando uma *teia migratória* como nos apresenta Ferreira (2015). Nas cartas de mudança analisadas percebemos que a partir dos anos de 1958 a 1988 essas migrações acentuam-se, sobretudo no final da década de 1960 e início da década de 1970. O gráfico a seguir contém os resultados do mapeamento realizado de noventa e cinco cartas de mudanças emitidas entre os anos de 1973 a 1987. Verificamos que o ano de 1973 é o ápice de saídas de pessoas para outras localidades.

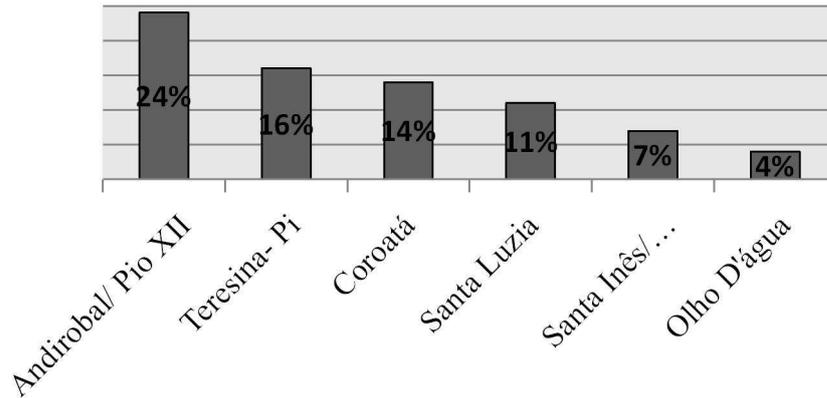
Gráfico 01 – Anos com maiores incidências de cartas de mudanças



Fonte: Dados da Assembleia de Deus de Bacabal

É importante ressaltar que essas migrações eram intermitentes, geralmente os migrantes não se fixavam em um só lugar, circulavam de cidade em cidade, e até mesmo de um estado para outro. As migrações eram principalmente internas, ou seja, aconteciam dentro do próprio estado de uma cidade a outra no interior maranhense. Havia migrantes que mudavam até cinco vezes em um intervalo de quatro anos para localidades diferentes no interior do estado. Abaixo estão ilustrados em formato de gráfico as cidades com maiores percentuais de saídas de convertidos, os dados estão pautados nas noventa e cinco cartas de mudanças analisadas do período de 1973 a 1987 (período de elevado fluxo migratório)

Gráfico 02 - Lugares com maiores índices de saída



Fonte: Dados da Assembleia de Deus de Bacabal

Observamos que o local com maior percentual de deslocamento de assembleianos foi Andirobal dos Crentes, um pequeno povoado de Pio XII localizado no interior cuja maioria da população é evangélica, o que faz jus ao nome do lugar. A maior parte de migrações que ocorreram durante o período supracitado foram de indivíduos desse povoado com destino a Bacabal. Teresina também possuiu um relevante contingente de migrantes, segundo Ferreira (2015) alguns eram maranhenses que migraram e retornaram; outros pela descrição da naturalidade, piauienses, provavelmente, que se deslocam atraídos pelo discurso do eldorado maranhense, onde há abundância de terra, água e alta produtividade.

A maioria de migrantes que saíram de Bacabal e de outras cidades do interior tinham como destino a capital do estado, provavelmente à procura de trabalho fora do setor agrário, estudos mais avançados aos filhos, tratamento de saúde, na maioria das vezes esses migrantes evangélicos se hospedavam nas casas de pastores em São Luís.

### **3 BOAVENTURA PEREIRA SOUSA: UMA TRAJETÓRIA A SERVIÇO DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO MÉDIO MEARIM**

O objetivo deste capítulo é apresentar o sujeito/pessoa do pastor Boaventura Pereira Sousa e o seu ministério pastoral em diversas instancias: família, educação, trabalho e suas relações sociais, religiosa e políticas, desenvolvidas na Assembleia de Deus em Bacabal. A análise da trajetória do Pr. Boaventura tem a objetivação de compreender as peculiaridades do pentecostalismo assembleiano no interior maranhense com ênfase nas estratégias evangelísticas e na organização interna da igreja que contribuiu para a expansão e consolidação dessa igreja no Médio Mearim.

Procuramos abordar ainda a longa duração do pastorado de Boaventura Pereira Sousa por quase três décadas e meia, quando em meados do século XX, o pentecostalismo tem significativo crescimento e o *déficit* de pastores e auxiliares era expressivo.

Nesse momento transferência e locomoção de lideranças assembleianas na capital e no interior do estado eram constantes, o que não ocorre em Bacabal após o Pr. Boaventura assumir a liderança da igreja.

Nos anos (19)40, por exemplo, a Assembleia de Deus em São Luís passava por instabilidade em relação à liderança de pastor presidente, termo que começou a ser adotado também na mesma década (CORREA, 2013, p.141). Entre os anos de 1939 a 1952, passaram pela IADESL dez pastores (SILVA, 2006, anexos), provavelmente a constante mudança de pastores ocorreu por ainda não ser estabelecido que o cargo de pastor presidente fosse

vitalício. A liderança da AD em São Luís, só foi estabilizada em 1957, com Estevam Ângelo de Souza que deixou o cargo somente por motivo de morte. Conforme Marina Correa:

Um pastor presidente somente é substituído definitivamente em seu cargo por alguns poucos motivos: doença incurável [...] que o incapacite do para o exercício das funções; a seu pedido pessoal; em caso de jubilação; por transgressão dos princípios bíblicos, confessada e/ documental e testemunhalmente por no mínimo duas pessoas; por morte (CORREA, 2013, p.141)

É importante destacar que a AD em São Luís até meados de 1930 era filiada a AD no Pará, somente após a Primeira Convenção Regional das ADs no Maranhão, realizada na cidade de Coroatá em 1934, a IADESL teve autonomia; na ocasião, o missionário João Jonas foi ordenado pastor e teve relevante atuação evangelística no Médio Mearim (SANTOS, 2016, p.156; SILVA, 2006, p.60).

No interior maranhense também havia a intensa troca de pastores, por motivos diversos: falta de auxílio financeiro, perseguições contra os protestantes, dificuldade de adaptar-se ao local onde foi ordenado atuar e a cada convenção normalmente havia a troca de pastores. Na cidade de Bacabal não era diferente: após a inauguração do primeiro templo da Assembleia de Deus, ocorre o desenvolvimento da igreja com os seguintes pastores: Raimundo Silva, Manoel Ribeiro (Nelzinho), pastor em dois momentos distintos (entre 1946 a 1948 e em 1961 a 1963), Hilário Pereira da Silva, José Pio da Paz, Antônio Alves Prado, Raimundo Ferreira de Mesquita. Somente em 1963 a liderança da igreja se estabiliza com a chegada de Boaventura Pereira Sousa a frente da AD em Bacabal, substituído por motivo de jubilação (aposentadoria), previsto no Estatuto da CGADB em 1930.

A década de 1940, além de marcar “o grande crescimento pentecostal no estado” (SANTOS, 2003, p.146) é importante para esta pesquisa também, pois é o período em que Boaventura Sousa se converte ao protestantismo na cidade de Magalhães de Almeida, juntamente com seu irmão consanguíneo, Estevam Ângelo de Sousa, dia 09 de abril de 1944. É ainda a década em que ambos foram ordenados pastores da Assembleia de Deus no Maranhão, porém nossa escala de observação se restringe somente a trajetória de Boaventura Pereira Sousa.

É inegável o respeito e o renome conquistados ao longo dos quarenta e nove anos no exercício do cargo de pastor; porém nos debruçaremos sobre os trinta e três anos (1963-1996) em que Boaventura esteve à frente da AD em Bacabal. É uma referencia ao histórico do pentecostalismo maranhense por sua atuação evangelística, educação continuada, conhecimento teológico, memória prodigiosa e convicção de fé.

Na autobiografia de Boaventura, publicada em 2016, que contribuiu significativamente para o desenvolvimento deste trabalho, é perceptível a sua entrega ao serviço da AD. No entanto, é importante destacar que a utilização (da autobiografia) não é para torná-lo herói, enunciar seu nascimento, formação, a narração de vida linear e factual, conforme relata Borges (2006). O que Pierre Bourdieu denomina de “ilusão biográfica”, na qual:

Essa ilusão compreende a ideia de uma identidade coerente; de um todo, com projetos e intenções; de uma trajetória de acontecimentos sucessivos (é comum representar-se a vida estrada, caminho, carreira, corrida etc.). Além disso, a ordem cronológica com que se organizam biografias imprime à vida lógica retrospectiva e prospectiva, preocupada em dar um sentido à existência (ALBERTI, 2006, p.169-170).

Nem tão pouco apresentar sua vida como se esta já estive paralisada, pois parte-se da hipótese que “quem se põe a se autobiografar, coloca [...] a si mesmo no lugar do morto, pois para haver biografia é preciso partir do pressuposto que a vida que se biografava acabou, que nenhum episódio venha ser a ela acrescentado” (JÚNIOR, 2012, p.32). Contrariando a essa suposição, Boaventura estava em pleno gozo da terceira idade e com projeto de lançar o segundo volume de sua autobiografia e segundo ele, com novos eventos que a história não divulgou sobre a AD.

Mas quem é Boaventura Pereira Sousa? Qual a sua relevância para ser abordado em um trabalho acadêmico? Qual a sua conduta como sujeito e como agente do chamado “Santo Ministério”, para a expansão e consolidação do pentecostalismo no interior maranhense? São inquietações que nos propomos a responder neste trabalho.

### **3.2 Infância, migração, trabalho e conversão**

Boaventura Pereira Sousa nasceu na cidade de Araioses (interior do Maranhão) em 14 de julho de 1926. Filho dos lavradores Jose Romão de Souza e Maria Alves de Souza, teve dezenove irmãos, entre eles o pastor Estevam Ângelo de Sousa, pastor presidente da Assembleia de Deus em São Luís durante 39 anos. Oriundo de uma família simples, descendente de portugueses, seus avós ao chegarem ao Brasil residiram em Acaraú no estado do Ceará, foram atingidos pela seca no ano de 1877 e deixaram o Ceará com destino ao Piauí, depois vieram ao Maranhão para a cidade de Coroatá e posteriormente foram para Peritoró onde nasceram seus pais. Quando questionado sobre a naturalidade de seus pais, Boaventura responde:

Digo quase cearense e quase maranhense, eu não sei o que ele é. Na verdade é que ele criou-se no Maranhão, ali no Peritoró. De lá foi a Cantanhede, em Cantanhede meus pais casaram, meus pais casaram foram morar em Piracuruca, de Piracuruca pra Buriti dos Lopes novamente e ficaram lutando até quando Deus o chamou. O chamou próximo a Magalhães de Almeida. (SOUSA, 2015)

A família de Boaventura não difere das famílias de migrantes nordestinos e estavam em trânsito contínuo, Boaventura Sousa quando estava com três anos de idade os seus pais foram viver no Piauí, estado onde morou em vários lugares como: Buriti dos Lopes, São José, Caraúba, Genipapeiro e depois voltaram novamente ao Maranhão. Conforme o pastor, “eles chegaram ao Maranhão, acharam muito onde trabalhar, tinha muitas terras produtivas, trabalharam muito, fizeram uma coisa, Deus os abençoou, mas nenhum era evangélico” (SOUSA, 2015).

Em Buriti dos Lopes os pais de Boaventura compraram uma pequena propriedade, em 1934, mas, com apenas oito anos de idade, Boaventura perdeu sua mãe, Maria Alves. José Romão de Sousa, seu pai, ficou cuidando sozinho dos onze filhos, mas em seguida casou-se novamente e teve mais oito filhos do segundo casamento. Apesar das dificuldades enfrentadas na infância, Boaventura afirma que teve muitas felicidades e sobre seu relacionamento com a mãe de criação diz que “foi melhor do certas mães, ela cuidou de todos os filhos alheios como se fossem dela, todos a amavam, todos cuidaram dela até quando Deus a levou ao eterno descanso”. Na autobiografia, ao se refere a madrasta, Boaventura a chama de “minha mãe”.

A abundância de terra produtivas no Maranhão e a agricultura de subsistência contribuíram para Boaventura trabalhar desde cedo na lavoura com os pais e ajudar no sustento da família, a simplicidade vivida desde a infância colaborou para que exercesse ao longo da vida 13 profissões (pedreiro, carpinteiro, ferreiro, flandeiro, sapateiro, fotógrafo, marceneiro, soldador, desenhista, eletricitista, contador e etc.) diante das dificuldades financeiras e materiais, a força do trabalho era o único meio de sobrevivência e o acúmulo de tantas profissões explica as adversidades vividas por Boaventura desde criança. A lavoura foi a principal atividade desenvolvida pela família e determinante para se fixarem no Maranhão, pois na sua visão de lavradores as terras maranhenses eram boas para o cultivo.

O trabalho árduo se fez presente na vida de Boaventura muito cedo e a escola foi pouco frequentada por ele. O acesso à educação era privilégio de poucos, principalmente no interior, pois “durante a década de 1920, a realidade maranhense era de pobreza, convivendo com uma população isenta de educação, marcada pelo analfabetismo e grande simplicidade nas camadas baixas” (MOTA 2009, p.28).

A família Sousa assim como a maioria das famílias nordestinas, seguia o catolicismo. No interior maranhense, o catolicismo popular<sup>24</sup> funciona como um meio de socializar os devotos no período de festejos, missas e novenas e também de renovar a fé com “as promessas aos santos, as penitências, a ressignificação ao sofrimento em prol de um juízo libertador de todo mal” (FILHO, 2010, p.70). Os pais de Boaventura eram católicos praticantes que ajudavam os padres na celebração das missas e atos litúrgicos (SOUZA, 2016, p.101).

Conforme a autobiografia do pastor Boaventura, a conversão dos seus pais aconteceu após leituras comparativas entre a Bíblia católica e a Bíblia protestante, presente que ganhou de um padre. Segundo relatos autobiográficos do pastor, seus pais odiavam e não se comunicavam com protestantes, mas, a partir das explicações ministradas pelo padre, da observação dos ensinamentos dos protestantes e da percepção de que o comportamento dos evangélicos era diferente do comportamento católico, então pediu um culto na sua casa dia 04 de janeiro de 1944 e converteu-se com sua família na cidade de Magalhães de Almeida.

Na adolescência Boaventura foi para Santa Catarina a trabalho, juntamente com o irmão Estevam, ambos passaram dois anos fora e, ao retornar, sua família havia se convertido ao protestantismo. Diz que ficou surpreso diante da conversão da família, a mudança no comportamento dos pais foi visível, pois retornaram no período da páscoa, “que representa a reatualização de um evento sagrado” (ELIADE, 1992, p.62) uma vez que, o homem religioso rememora a morte e a ressurreição de Cristo e no meio rural, principalmente, as pessoas consideram essa data como dia santo e evitam realizar algumas atividades; desde as mais simples, como as tarefas domésticas, até as mais pesadas como: plantar, colher, entre outras relacionados a lavoura.

Após a conversão dos pais, hoje considerada um milagre pelo pastor, já que tinham aversão ao protestantismo, Boaventura Sousa também se converteu por imposição do irmão, Estevam Ângelo de Sousa. Sobre o momento de sua conversão, Sousa diz o seguinte:

Nós fomos a um culto e naquele momento fizeram o apelo, ele (Estevam) levantou-se, eu fiquei sentado, ele deu um passo em frente e ele voltou e pegou meu braço e vamos, me puxou pela mão e eu fui ajoelhamo-nos e aceitamos Jesus. Quando eu notei, já estavam orando por mim. Eu digo: agora que entrei, então eu vou ser crente, eu entrei na lei e fiquei como crente, [...] Então, a minha infância quer como ser

<sup>24</sup>Segundo Riolando Azzi, “é nesse tipo de catolicismo que o povo encontra maior liberdade de expressar sua devoção e, maiores possibilidades de participação do culto religioso. Essa fé popular, que tem seu centro nas devoções aos santos, se manifesta essencialmente nas procissões, romarias, nas promessas e ex-votos” (apud FILHO, 2012, p.64) FLORES FILHO, José Honório das. **Santuário de Frei Damião: a fé na modernidade e tradições católicas no Brejo de Paraibano- valores espirituais versus valores materiais**. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) João Pessoa. Universidade Federal da Paraíba. 2012

humano, quer como evangélico foi acidentada, mas de muita convicção voltada para Deus, buscando a Deus, procurando servir a Deus da melhor forma possível. Então, aceitei a Jesus aos meus 17 anos e permaneço até hoje, sou crente a 73 anos incompletos, hoje com 90 e poucos anos, (corrige a idade) 90 anos e poucos meses, mas continuo alegre porque aceitei Jesus ainda na infância, ainda na minha adolescência. (SOUSA<sup>25</sup>, 2016).

No momento em que estava acontecendo a sua adesão ao protestantismo, para o sujeito Boventura aquele momento não foi sentido como um marco, mas ao narrar sua vida posteriormente, o pastor estabelece um novo sentido a sua conversão que foi um divisor de águas. Ele utiliza um fio condutor para demonstrar continuidade nos acontecimentos que balizaram sua existência e através do trabalho de reconstrução de si mesmo, ele tenta dar uma lógica, “tenta definir seu lugar social e suas relações com os outros” (POLLAK, 1989. p.11) e na relação presente passado.

Em sua autobiografia Boventura Sousa, afirma que sua conversão aconteceu após observar a mudança de comportamento da família depois de se converterem ao protestantismo e depois de alguns esclarecimentos bíblicos promovidos por seu pai:

Uma área que nos deixou muito admirados, foi o fato de antes, meus pais se abstinham de serviços logo quinta feira “santa”, após o meio dia. Mas agora, como protestantes, trabalhavam direto sem mais obedecer a doutrina católica! Aquilo despertou nossa atenção. Então perguntamos: pai porque antes de ser protestante o senhor não trabalhava parte de quinta e de sexta feira e agora trabalha direto? Meu pai respondeu: “guardávamos daquela forma, porque não compreendíamos a Bíblia, mas pela Bíblia sabemos que todos os dias são iguais [...] outro erro da igreja católica é pregar que Jesus morreu todas as sextas feiras santas e permanece morto até o primeiro dia da semana. Mas conforme a Bíblia, Jesus morreu uma vez para nos salvar, ressuscitou para nos justificar e estar a direita de Deus no céu intercedendo por nós. (SOUSA, 2016, p.104)

Através dessas explicações e após julga-las “corretas”, então Boventura se converteu ao lado de seu irmão, Estevam Ângelo de Sousa, ao protestantismo.

O curioso é que, conforme Mota, (2013, p.77) a conversão de Estevam Ângelo de Sousa ocorreu após desencantamento com o catolicismo, depois de iniciar estudo sobre os ofícios da igreja católica, pois desejava encontrar uma saída para que a alma de sua mãe entrasse no purgatório, já que não possuíam dinheiro para pagar missas em seu favor. Ainda segundo a autora, a conversão de José Romão de Sousa, pai de Estevam Ângelo de Sousa e de Boventura Pereira Sousa, ocorreu após a conversão de Estevam (MOTA, 2013, p.79) e não o contrário, como afirma o pastor Boventura, que ele juntamente com Estevam foram os últimos da família a se converter ao protestantismo.

---

<sup>25</sup>Entrevista realizada em novembro de 2016 na cidade de Bacabal por Poliane Pereira Almeida.

Comparando as duas versões sobre a mesma história, surge a seguinte inquietação: qual a veracidade dos depoimentos autobiográficos? Embora esta não seja a preocupação central do texto. É importante destacar que a memória além das amnésias, é infiel e modifica incessantemente a hierarquia dos fatos (LORIGA, 2011, p.69) Boaventura Sousa em sua autobiografia é o autor-narrador que fala de si mesmo, para reconstituir suas experiências vividas, ele seleciona e “escreverá sobre sua vida aquilo que é permitido, seja em função de sua memória, de sua posição social, ou mesmo de sua possibilidade de conhecimento” (ALBERTI, 1991, p.76) ou como ele quer ser lembrado em determinado momento.

Como já mencionado, nos anos iniciais da AD, as marcas do pentecostalismo eram: glossolalia (falar em línguas estranhas como resultado do batismo com o Espírito Santo), cura divina e forte escatologia (ALENCAR, 2000, p.11) Boaventura Sousa, como genuíno pentecostal, foi batizado no Espírito Santo, logo após a sua conversão<sup>26</sup>, se envolveu nas atividades cotidianas da igreja, ainda em Magalhães de Almeida, foi professor de Escola Dominical e tornou-se auxiliar do pastor José Cândido, por quem foi batizado em água.

Ao converter-se, o indivíduo passa por um processo de interiorização de conceitos e valores religiosos conhecidos como “discipulado”. Segue-se o batismo nas águas, um rito de passagem que representa a transição de uma vida marcada pelo “pecado” para outra caracterizada pela “santidade” e que simboliza o renascimento. Nesse sentido, a identidade é aqui entendida como um discurso que legitima a noção de pertencimento e produz um corpo de valores e práticas internas ao grupo (SOUSA, 2010, p.78)

O batismo em água, conforme Mircea Eliade representa os *simbolismos batismais*, onde a água simboliza a morte e a vida. “O “velho homem” por imersão na água dá nascimento a um novo ser regenerado” (ELIADE, 1992, p.112). O simbolismo presente na vida religiosa, a água lava, purifica, produz vida, traz fecundidade, porém o *simbolismo aquático* é dual porque a água também traz morte, o dilúvio (água) aniquilou a população “pecadora” preservando somente a família de Noé, homem religioso, considerada justa. “é importante observar que essas valorizações do *simbolismo batismal* não contradizem o simbolismo aquático universalmente difundido” (ELIADE, 1992, p.113, grifos do autor).

O batismo em água ao homem religioso é também uma ordenança cristã na qual é necessário ao novo convertido passar por essa experiência para participar da Santa Ceia e tornar-se membro do corpo da igreja, já que Cristo é o cabeça. Conforme o artigo 29 do

---

<sup>26</sup>Em entrevista ao Jornal CEADEMA em Foco, o pastor Boaventura Sousa afirma ter sido batizado no Espírito Santo com apenas três meses de conversão (09/07/1944), o que evidencia a entrega do novo convertido ao protestantismo, pois para acontecer o batismo era necessário a busca incessante, com orações fervorosa e contínua.

regimento interno da Assembleia de Deus em São Luís, o batismo em água é uma das formas de admissão ao rol de membros da IADESL (2014, p.06). Contribui também na organização interna da igreja no controle sobre o quantitativo de membro, uma vez que, antes de batizar-se, o convertido preenche um formulário de inscrição candidatando-se ao batismo e, posteriormente, recebe a carteira de membro da AD.

Boaventura Sousa, após ser batizado no Espírito Santo e em água, afirma ter recebido a cura divina quando ele e Estevam Ângelo de Souza foram acometidos de malária, porém o pastor Estevam teria sido curado primeiro através da oração do pastor Alcebiades Vasconcelos que administrava a AD em Parnaíba. Mas em seguida também foi curado.

### **3.3 Evangelização e chamada ministerial**

A escatologia presente no discurso da AD nos anos iniciais contribuiu para que Boaventura Sousa começasse a atuar na evangelização em Magalhães de Almeida. Relata que sentia profundo amor pelos pecadores e que não dormia sem orar e meditar sobre a situação de um pecador que morre sem ouvir o evangelho (SOUSA, 2016, p.143). Já bastante comprometido com as tarefas da igreja, o jovem assembleiano diz que Deus falava com ele, porém não entendia.

O engajamento de Boaventura e a deficiência de obreiros para ajudar nas atividades cotidianas da igreja, foram responsáveis para que o Pr. José Cândido o aconselhasse a casar. Sem ter nenhum relacionamento firmado, decidiu que iria casar e falou com seus pais a respeito. Estes o apoiaram, concordando com o conselho do pastor. Na visão de Boaventura Sousa, a concordância dos pais foi a confirmação de Deus o encaminhando ao pastorado e afirma que: “Deus fala pela Bíblia, pelo pastores e também pelos pais” (SOUSA, 2016, p.143). Ao longo de sua narrativa, Boaventura vai dando significado para cada acontecimento em sua vida.

Na AD, um dos principais requisitos para se chegar ao cargo de pastor é ser casado. Conforme Marina Correa (2013, p.142), muitos deles se casam cedo para se preservar dos desejos mundanos. Se o objetivo de Boaventura era ser pastor, assim como seu irmão, Estevam Ângelo de Sousa, o casamento seria uma experiência inevitável, embora Gedeon Alencar (2010, p.135) nos apresente que alguns pastores foram consagrados ao cargo ainda solteiros, Gunnar Vingren por exemplo, casou-se após ser ordenado pastor, algo impensável hoje dentro da AD.

Na sua narrativa, o pastor aposentado afirma que com poucos dias apareceu uma moça interessada em casar com ele, mas seu pai não a aprovou. Boaventura Sousa dispensou a moça sem nenhuma resistência por conta do seu pai que estava em desacordo com o relacionamento. Posteriormente, esse episódio é visto como uma intervenção divina, através de seu pai, pois a moça casou-se com outro rapaz com pouco tempo de casada, juntou-se com um segundo marido e depois fugiu com um terceiro e voltou com o primeiro marido novamente. Na fala do pastor, a jovem era uma “cilada” do inimigo para envergonhá-lo e destruí-lo espiritualmente. No discurso religioso predominantemente masculino, a mulher é apresentada como a responsável pela “queda” do homem ou desobediência do ser humano a Deus (GEBARA, 2000, p.31).

Além de receber aconselhamento para casar-se, o Pr. Boaventura afirma também a revelação de Deus a seu pastor José Cândido, quando disse: “Deus te levará a lugares distantes e tu evangelizarás muitos municípios” (SOUSA, 2016, p.145). As predições do Pr. Cândido começaram então a realizar-se na vida do jovem Boaventura dia 05 de abril de 1947, quando casou-se com Inácia Saraiva Menezes Sousa, agora com a permissão dos pais.

Inácia Sousa viveu ao lado de Boaventura quarenta e seis anos, auxiliando-o no trabalho evangélico, na vida ministerial e no cuidado da casa e dos dez filhos que tiveram. Desenvolveu o autêntico papel de esposa de pastor<sup>27</sup>. Como nos apresenta Elba Mota:

A função de esposa do pastor exige da mulher um acompanhamento das principais atividades de seu esposo. É muito importante a forma como ela realiza as suas responsabilidades e o exemplo dado às demais esposas da congregação, por meio de seu posto ela alcança visibilidade, devendo estar sempre disponível para ajudar a todos da sua comunidade evangélica. (2009, p.74)

No mesmo ano após casar-se, Boaventura Sousa foi ordenado pastor e, por unanimidade, seu nome foi indicado para assumir a congregação em Redenção (atual município de Mata Roma), em uma reunião convocada pelo Pr. José Cândido para escolher quem iria administrar a igreja na cidade. Na sua visão, Deus estava cumprindo progressivamente o plano que havia planejado à sua vida.

---

<sup>27</sup> O dever da esposa de pastor está, sobretudo, em servir e, servir em primeiro lugar o esposo como se estivesse servindo a Deus, conforme a analogia bíblica o homem deve amar sua esposa com Cristo amou a igreja e se entregou por ela e a esposa servir ao esposo da mesma forma que a igreja serve a Cristo (Ef. 5: 22-25). No discurso assembleiano, mulher virtuosa é sinônimo da mulher que se submete e se coloca sob as ordens do marido de maneira voluntária. Além de cumprir os deveres de esposa, proporcionar a harmonia e felicidade no lar, a mulher precisa necessariamente ser mãe, pois um lar “abençoado” por Deus necessita da maternidade na vida do casal. Mesmo com a maternidade, a mulher deve servir em primeiro lugar ao marido, porque antes dela ser mãe ela é esposa e “a esposa do pastor”.

A Assembleia de Deus passou por uma série de mudança ao longo dos anos, o historiador Lyndon Santos (2004, p. 52) divide a história da Assembleia de Deus em três fases:

- Período de 1921 a 1940, caracterizado pela implantação do pentecostalismo na capital e no interior.
- Período de 1941 a 1957, caracterizado pela ampliação, estruturação e centralização do pentecostalismo assembleiano na capital do Estado.
- Período 1957 a 1996, a fase do pastor Estêvão Ângelo de Souza, quando as Assembleias de Deus cresceram e formaram a maior denominação no estado.

Ao Pr. Boaventura, que vivenciou a segunda e terceira fase da AD no Maranhão, as mudanças não passam despercebidas. Em sua autobiografia são recorrentes as comparações da igreja de outrora com a atualidade. Exemplo disso é o dia de sua posse em Redenção, que seria em 02 de junho de 1947. Após dezoito horas de viagem, sob forte chuva, o terno do pastor ficou encharcado por conta da chuva e não houve tempo de secar, e por isso Boaventura não foi uniformizado ao culto. Quando todos esperavam sua apresentação como pastor daquela congregação, recebeu uma punição de quinze dias por não estar devidamente vestido para a ocasião. A argumentação do Pr. Cândido era que Boaventura honrasse e a igreja que representasse e reverenciasse o nome de Deus.

Para Pr. Boaventura, essa foi a única decepção sofrida na sua vida ministerial e que serviu de aprendizagem para que nunca mais subisse ao púlpito sem estar devidamente uniformizado. Declara que o candidato a pastor passava por alguns testes, entre esses está o que foi submetido e não foi aprovado. Como punição sua posse foi adiada por quinze dias. Havia outros testes como carregar sacas de carvão pelo centro das cidades do Maranhão, pesquisa sobre a vida familiar dos candidatos. Boaventura Sousa (2016, p. 56) afirma que, “até a década de 40 as Assembleia de Deus primavam pelos princípios ensinados pelos pioneiros, mas infelizmente muitos se perderam o sentimento cristão e naufragaram na vida espiritual, agindo como querem!”.

As mudanças dos usos e costumes <sup>28</sup>que ocorreram ao longo do tempo na AD também não passaram despercebidas pelo Pr. Boaventura em sua autobiografia e destaca algumas diferenças entre as Assembleias de Deus do nordeste, que conforme o pastor ainda mantém algumas características da AD na década de (19)40, e Assembleias de Deus do norte “que só falta colocar imagens dentro dos templos” (SOUSA, 2016, p.236)

---

<sup>28</sup> Compreende-se sobre “usos e costumes”, as regras que abordam sobre a postura cotidiana dos membros assembleiano como: trajes, maquiagens, corte de cabelo, utilização de algumas tecnologias e assim por diante.

As mulheres se pintam das cabeças aos pés, os homens usam cordões e muitas modas muitas modas que não existiam nas Assembleias de Deus. A dança faz parte da liturgia de algumas Assembleias de Deus, a Harpa Cristã foi substituída por CDs, e a Bíblia por celular. Nos últimos tempos tenho viajado muito no Brasil, e tenho visto que o Maranhão, ainda mantém um pouco dos princípios pentecostais [...] conheci a Assembleia de Deus no tempo, que se uma crente aparasse as pontas dos cabelos, precisava reconcilia-se com a igreja ou era disciplinada. Se um crente deixasse o cabelo crescer de forma anormal, sofria a mesma pena. (SOUSA, 2016, p.236-237)

Ao mesmo tempo em que há um saudosismo da AD de outrora e um estranhamento com a AD da atualidade é perceptível na fala de Boaventura Sousa, certo heroísmo quando fala sobre o crescimento do patrimônio da AD no Maranhão. Afirma que:

Quem viu o começo das Assembleias de Deus no Maranhão e a vê hoje, fica maravilhado [...] eu vi cinco pequenos templos das Assembleias de Deus no Maranhão e hoje só um campo da Assembleia de Deus chega a possuir maior patrimônio do que todas juntas possuíam na década de 40 (SOUSA, 2016, p.57)

Nos relatos do pastor jubilado, o crescimento e a consolidação da igreja é resultado do trabalho dos pioneiros Daniel Berg e Gunnar Vingren, que através do direcionamento de Deus, jejuns, orações e dos trabalhos evangelísticos tiveram êxito na missão a qual foram designados. Para Boaventura, as ações dos missionários suecos são dignas de imitação e ele foi despertado a imitá-los. A visão que há sobre Berg e Vingren dentro da AD é de heroísmo<sup>29</sup> e um exemplo a ser seguido, pois representam lealdade e obediência a Deus.

Seguindo exemplo dos pioneiros, o Pr. Boaventura relata suas viagens evangelísticas no interior maranhense, suas estratégias de evangelização, resistências e perseguições enfrentadas por parte das pessoas que não aceitavam o protestantismo. Segundo relatos de Maria Bispo, uma das pioneiras da AD em Bacabal, em 1956 foi a primeira vez que viu o pastor Boaventura e ficou impressionada com a maneira que o pastor ministrou a preleção oficial do culto durante a inauguração do templo na cidade bacabalense.

A primeira vez que eu vi o Pastor Boaventura ...eu achei bonito a pregação dele, o homem era mesmo que um motor, uma pregação na voz, parece que não tinha nem microfone, mas era uma beleza, ele era um instrumento, era não, ainda hoje é. Pois

<sup>29</sup> Conforme Gedeon Alencar, a posição de “heróis” dos fundadores da Assembleia de Deus só foi reconhecida em 1960, quando a igreja celebrou o seu cinquentenário, onde Daniel Berg recebeu uma placa folheada a ouro, mas nos anos anteriores era uma figura apagada, esquecida. Segundo relatos de contemporâneos, vivia em grande pobre, abandonado na periferia de São Paulo. Para Berg, resta apenas receber uma placa em 1961. Reverenciado às véspera da morte, mas esquecido enquanto vivo. Gunnar Vingren, é decantado agora, mas foi voto vencido em diversas questões discutidas nas ADs de sua época. Doente desde o primeiro ano de sua chegada, não viu seu projeto de igreja se realizar. ALENCAR, Gedeon. **Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, História e Tipologia- 1911-2011**. São Paulo, 2012, p. 119.

foi a primeira vez que eu vi o Pastor Boaventura, muita gente, na inauguração, eu vim tinha muita gente. (MARIA BISPO apud; FERREIRA, 2012, p.72)

Como relata o Pr. Boaventura não havia recursos de aparelho de som, rádio, nem televisão para auxiliar no trabalho de evangelização, a mensagem da “palavra de Deus” era anunciada na força do pulmão. Para convencer as pessoas a ouvirem a mensagem utilizava de algumas estratégias como: pedir permissão para falar sobre santos não canonizados, se referia aos discípulos e apóstolos da Bíblia na versão evangélica. Evangelizava através de poesia e como cantador de viola; através de literatura, pedia permissão para entregar uma mensagem a uma árvore e ao conversar com árvore, muitas pessoas também ouviam a mensagem; havia seleção de homens e mulheres, na qual os homens eram responsáveis por evangelizarem homem e mulheres evangelizarem mulher<sup>30</sup>; Boaventura Sousa fazia também repentes para convencer as pessoas a ouvirem a mensagem.

Em sua autobiografia o pastor apresenta alguns repentes utilizados em suas evangelizações, para a conversão de “almas” e relata que muitas vezes as pessoas gostavam de suas poesias declamadas, um dos trechos do repente diz o seguinte:

Meus senhores e minhas senhoras,  
Sei que as coisas não vão melhorar,  
Mas é certo que pioram,  
A quem a Cristo não aceitar.  
Neste momento e nesta hora,  
Se não me falta a memória,  
Eu vos digo nessa hora,  
Aceitem a Jesus,  
Antes de vocês irem embora,  
Aceitai a salvação,  
Através da redenção,  
Pois Deus oferece remissão,  
Que culmina em teu perdão,  
Agora não digas não,  
Para tomar sua decisão,  
Pois dela e somente dela,  
Depende sua salvação. (SOUSA, 2016, p.91)

---

<sup>30</sup> A Assembleia de Deus, em seu caráter conservador durante anos manteve na organização da igreja para a realização dos cultos a separação dos assentos dos homens e das mulheres, ambos sentavam separados para evitar conflitos entre os casais, era uma medida preventiva para eventuais problemas na igreja e fugir da aparência do “mal” (ciúmes e traições, por exemplo). As tarefas da igreja eram distribuídas por gênero e por faixa etária de idade: homens fazia evangelização com homens e havia a separação entre homens casados e solteiros, o mesmo se aplicava as mulheres, havia a separação entre as senhoras e as jovens. Atualmente essa separação ainda é perceptível em algumas atividades da igreja como na divisão dos grupos de louvores, há o vocal das senhoras composto apenas por mulheres casadas em sua maioria são participantes do Círculo de Oração. No vocal dos jovens há a divisão na faixa etária de idade, os componentes do vocal dos jovens geralmente tem idade a partir de dezesseis e dezoito anos, abaixo dessa faixa etária participam do vocal dos adolescentes e do vocal das crianças. É visível também pouca participação das senhoras nas atividades da igreja voltada aos jovens, em culto de jovens, por exemplo, o numero de senhoras é reduzido, assim como no círculo de oração a participação dos jovens é mínima.

A evangelização através de versos é uma metodologia mais didática, presente no cotidiano dos migrantes nordestinos e atrativa ao público, “pois dessa maneira era mais fácil de serem decoradas e entendidas por uma plateia composta principalmente de analfabetos” (CAMELO, 2014, p.21) nos versos há a presença do pessimismo escatológico, a certeza que as coisas não vão melhorar e sim piorar, se não houver a conversão em Cristo, que pode salvar o homem de todas as dores do mundo e perdoar seus pecados.

O exercício de várias profissões ao longo de sua vida também contribuiu para que o Pr. Boaventura se aproveitasse das contratações de seus serviços para evangelizar. Afirma que havia uma estratégia evangelística para cada ocasião e, apesar de nem todas funcionarem, a inspiração vinha de Deus. O pastor relata ainda que havia estratégias tão criativas que as pessoas se aproximavam somente por curiosidade e ouviam atentamente a pregação, uma delas era a utilização da vitrola herdada de seu avô, “principalmente quando ouviam dizer que uma caixa de trezentos anos falava audivelmente” (SOUSA, 2016, p.98).

As atuações evangelísticas de Boaventura Sousa ocorreram em vários municípios do interior maranhense como: Rio Novo e toda área praiana do município de Tutóia, Santana do Maranhão, Barreirinhas, Magalhães de Almeida, Santa Quitéria, Caxias, São José de Ribamar, Paço de Lumiar, Raposa, Morros, Axixá, Icatú, Timon, entre outros municípios. Atribui à família Sousa parte do crescimento das Assembleias de Deus no Brasil (SOUSA, 2016, p.103) e destaca os nomes de membros de sua família que foram ordenados a pastor a começar pelo seu pai José Romão de Sousa, Estevam Ângelo de Sousa (irmão), João Pereira de Sousa (irmão), Raimundo Pereira de Sousa (irmão), Levi Câmara de Sousa (vice presidente da IADESL), Semaías Saraiva Sousa (filho), Benjamin Sousa (Sobrinho), João Pereira de Sousa Filho (sobrinho), João Escócio Sousa, Paulo Farias de Vasconcelos e Telmí Farias de Vasconcelos.

É perceptível a contribuição da família Sousa ao protestantismo no Maranhão, também é comum os filhos de pastores tornarem-se também pastores principalmente a partir da década de 19(80). Conforme Correa (2014, p. 104) das décadas de 1940-1980 as dificuldades financeiras em torno das igrejas eram enormes, as igrejas em sua maioria eram sediadas nas periferias, as arrecadações eram pequenas. Logo, era muito trabalho para pouco retorno; os filhos de pastores conhecedores dessas dificuldades procuraram outro meio de sobrevivência. Boaventura Sousa (2016, p.150) afirma que atualmente ser pastor se tornou

*status* social, “porque além de ser uma “profissão” lucrativa<sup>31</sup>, não há perseguição e há muito conceito social, mas no princípio não era assim!”.

### **3.3 Da lavoura a presidência da Assembleia de Deus em Bacabal: uma trajetória de boas colheitas**

Em 30 de agosto de 1963 o Pr. Boaventura foi transferido à Bacabal para substituir o pastor Manoel Ribeiro Alves que retornou ao estado do Pará. Recebeu a congregação com aproximadamente 600 crentes, conforme seus relatos. Quando o Pr. Boaventura chegou a Bacabal, a cidade ainda era muito pequena, o processo de urbanização do município caminhava em passos lentos. Segundo o pastor, “naquele tempo a gente andava em Bacabal o maior período com o sapato na mão e não nos pés, pra todo lugar era lama [riso] e água que a gente tinha que atravessar” (entrevista, SOUSA, 2015).

Para prestar assistência aos membros e congregados, Boaventura percorria quatorze municípios para visitar 96 fieis (crente), enfrentava as inúmeras dificuldades e limitações do meio de transporte para propagar o evangelho aos que ainda tinham se convertido ao protestantismo. Para proporcionar maior acompanhamento as ovelhas do seu campo<sup>32</sup>, Boaventura Sousa distribuiu as tarefas para outros obreiros, desmembrou o campo de Bacabal e criou os campos de São Luís Gonzaga, Bom Lugar, Lago Verde, Cordeiro e Bela Vista.

---

<sup>31</sup> Conforme a quarta reforma do Regimento Interno da IADESL de 15 de setembro de 2014:

§ 2º - Prebenda dos pastores (ministro do evangelho ordenado) e evangelistas (ministro do evangelho autorizado):

I - Pastor com até três anos de exercício ministerial em São Luís: valor equivalente a 03 (três) Salários Mínimos;

II - Pastor com três anos e um dia a seis anos de exercício ministerial em São Luís: valor equivalente a 05 (cinco) Salários Mínimos;

III - Pastor com seis anos e um dia a nove anos de exercício ministerial em São Luís: valor equivalente a 07 (sete) Salários Mínimos;

IV - Pastor com nove anos e um dia a doze anos de exercício ministerial em São Luís: valor equivalente a 09 (nove) Salários Mínimos;

V - Pastor com doze anos e um dia a quinze anos de exercício ministerial em São Luís: valor equivalente a 12 (doze) Salários Mínimos; e

VI - Pastor com mais de quinze anos de exercício ministerial em São Luís valor equivalente a 15 (quinze) Salários Mínimos. Disponível em: [www.iadeslmacentenario.org.br](http://www.iadeslmacentenario.org.br). Acesso em: 15 de março de 2017.

<sup>32</sup> Conforme Marina Correa, campo é uma expressão interna da Assembleia de Deus, refere-se à área de atuação de um ministério ou igreja-sede. Conforme a autora pode ser chamada também de igreja-mãe e suas congregações ou pontos de pregação podem ser agrupados em um determinado local, constituem uma rede pregação dependente da matriz liderada por um pastor-presidente que possui forte vínculo administrativo, doutrinário e litúrgico. CORREA, Marina Aparecida O. dos Santos. **Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. p.136

Ao chegar à cidade bacabalense, Boaventura Sousa afirma ter encontrado somente um templo da AD que se localizava na Rua Getúlio Vargas e atualmente está demolido. Boaventura obteve êxito no trabalho de evangelização. Viu o desenvolvimento da igreja a partir de Jussaral, principal bairro evangélico, posteriormente surgiram as edificações de templos em alguns bairros de Bacabal, como: Cohab, Vila Coelho Dias, Vila São João, Areial, Vila Frei Solano, Trizidela, Alto Alegre, Alto Bonito e bairro Satuba. Conforme o pastor, quando entregou o cargo de pastor presidente ao seu sucessor, Francisco Raposo Filho, totalizava-se quatorze templo da AD na cidade.

Um dos grandes orgulhos do Pr. Boaventura é a construção do templo central da Assembleia de Deus em Bacabal. Em entrevista ao jornal CEADEMA em Foco o pastor afirma que:

No dia 09 de novembro de 1946, quando ainda não havia sido ordenado ao ministério, em Magalhães de Almeida, eu vi esse templo do jeito que ele é hoje. Oito anos depois, vim a Bacabal e conheci este lugar. Decorridos 17 anos, assumi o pastorado da AD em Bacabal. Quando tratei do assunto pela primeira, a igreja não se mostrou favorável ao projeto. Todo mundo foi contra [...] esperei com perseverança e 23 anos depois, tive o apoio da maioria em torno do projeto. (CF, 2006, p.06)

O pastor afirma que toda a estrutura do templo, em cada detalhe foi revelação de Deus e a ele coube somente obedecer as ordenanças divinas, e que Deus teria agido da mesma forma como agiu “com Moisés, mostrou como devia ser o tabernáculo” (SOUSA, 2016). O tamanho do templo que media 75x16 com dois pavimentos chamava atenção dos membros, conforme Orlando Alencar (1977, p.23) o plano da construção era um sonho para muitos, mas tornou-se realidade.

No dia 06 de novembro de 1986 houve o lançamento da pedra fundamental, porém não havia recursos financeiros. O Pr. Boaventura fez várias campanhas entre os membros da igreja para arrecadar dinheiro para a compra dos primeiros materiais para erguer os alicerces do templo. Na segunda etapa da construção, conforme Alencar (1997, p.25) “víamos apenas altas despesas e não enxergávamos recursos, pois só para iniciarmos precisaríamos comprar carradas e carradas de madeiras, tábuas e escoramentos para uma área de 1100 metros quadrados”.

Ainda segundo Orlando Alencar, houve um “providencialismo divino”, Deus teria usado o Dr. João Alberto, governador do Maranhão, para dar prosseguimento à obra. As contribuições de João Alberto foram suficientes para dar “laje, levantamento das paredes do segundo pavimento, o piso com material de primeira classe, estrutura metálica, e instalação

elétrica e hidráulica” (ALENCAR, 1997, p.25). Mesmo com o término do governo de João Alberto, o seu sucessor, Edison Lobão, ficou “sensibilizado” com a construção do templo e “não tendo alternativa senão, fazer doação de CR\$ 300.00.000,00 (trezentos milhões de cruzeiros) o suficiente para fazer 1.100 metros do piso térreo do nosso templo” (ALENCAR, 1997, p.27).

As relações de troca e poder entre o político e o religioso são presente na AD em Bacabal. A forma de retribuir tanta “generosidade” das autoridades políticas em prol da construção do templo acontecia em anos eletivos, nos quais a igreja apoiava em massa os candidatos que eram considerados “amigos” de pastores. Conforme Marcos Ferreira (2011) é visível a intensificação das relações de poder da oligarquia Sarney, sob a representação de João Alberto, com o campo religioso pentecostal bacabalense, sendo este o único grupo que possui livre acesso no púlpito da referida igreja, relação firmada no pastorado de Estevam Ângelo de Sousa.

Em entrevista, questionamos se o Pr. Boaventura lembrava o nome dos políticos que fizeram doações à construção do templo e responde:

Olha, o falecido Josimar foi primeiro a ajudar com uma ajuda de mil cruzeiros. Ele era vereador naquele tempo, depois foi prefeito. Depois veio Jurandir Lago, Jurandir Lago através de João Alberto ajudou também, João Alberto era o governador. Depois vem Lobão, depois vem Sarney, depois vem Alexandre Costa todos eles ajudaram com bilhões.

O templo central da AD em Bacabal foi inaugurado dia 25 de dezembro de 1993. A obra teve duração de 07 anos (1986-1993), conforme o pastor Boaventura Deus agiu milagrosamente e cumpriu o que havia revelado 46 anos antes.

### **3.4 “Só vou deixar de estudar quando eu ficar velho”: formação de Boaventura Sousa na terceira idade**

Em meados do século XX, a simpatia, o carisma, a capacidade de atrair pessoas era fundamental aos pastores para a expansão do evangelho. Um pastor amado por suas ovelhas era mais importante, não havia a preocupação com a formalidade, boa oratória e eloquência, “o que abria espaços para o surgimento de lideranças leigas” (SANTOS, 2011 p.285), em entrevista Boaventura confirma que “quase todos os pastores eram semianalfabetos”, pois muitos não tiveram acesso a escola e nem permissão para estudar.

Segundo Boaventura, quando se tornou pastor, só havia lido 67 livros, 66 na Bíblia e a carta de ABC. Sentiu necessidade de estudar, quando percebeu que estava sendo criticado pelo auditório que o ouvia na igreja, embora os fieis pensassem que ele sabia de tudo, não o permitiam estudar. Não podendo se ausentar do cargo, Boaventura passou a estudar por correspondência, fez o Ensino Fundamental três vezes e o Ensino Médio duas vezes, pois as escolas não eram reconhecida pelo MEC. Boaventura Sousa é bacharel em Teologia pela FAETAD (Faculdade de Educação Teológica da Assembleia de Deus) e curso de enfermagem pela Universidade Estadual do Maranhão- UEMA e UNITI- Universidade da Terceira Idade em parceria com a UEMA.

Autodidata, possui em casa um relicário onde guarda ferramentas de trabalho e suas invenções como luminárias (foi o primeiro produtor de luminárias para a cidade de Tutóia) e de ferramentas de trabalho das inúmeras profissões que acumulou ao longo da vida. Apesar da memória prodigiosa, Boaventura Sousa monta em casa seu relicário, para que pudesse ser lembrado conforme a autoimagem que construía. Nesse sentido, podemos utilizar o conceito o que Pierre Nora denomina de lugar de memória, pois “à medida que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi” (NORA, 1993, p.15). Ainda conforme Nora, (1993, p.13) “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos”, a nova geração que não conviveu com o Pr. Boaventura, seu relicário é útil para resgatar um pouco das suas múltiplas profissões.

A primeira esposa de Boaventura Sousa, Inácia Saraiva Menezes Sousa, faleceu dia 24 de dezembro de 1994 com quem teve 12 filhos. O pastor afirma que assim como Deus havia revelado inúmeros acontecimentos sobre sua vida, com seu segundo casamento não foi diferente, embora não entre em detalhes, Boaventura Sousa afirma que Inácia Sousa tinha lhe avisado sobre o seu segundo casamento que aconteceu dia 30 de março de 1996, porém a data para a realização do matrimônio seria dia 14 de fevereiro do mesmo ano. A cerimônia foi adiada por causa do acidente automobilístico que envolveu Estevam Ângelo de Sousa e Semida Sousa Belfort, filha de Boaventura, ambos foram vítimas fatais, na ocasião se dirigiam a Bacabal para participarem da celebração do casamento de Boaventura. Segundo o pastor, Deus já havia revelado a morte de seu irmão e a medida que se aproximava, ele via com mais frequência, mas a revelação não evitou que ele ficasse em estado de choque com a tragédia, uma vez que estava ciente do que estava por vir.

Antes de casar dia 22 de março de 1996, o Pr. Boaventura recebeu sua jubilação (aposentadoria) do cargo de pastor presidente da AD em Bacabal, no mesmo ano dia 19 de abril entregou a liderança da igreja ao pastor Francisco Raposo Soares Filho, o pastor jubilado afirma aprova a maneira como Raposo conduz a igreja e o considera um homem de visão. Do segundo casamento com Severina de Jesus Ribeiro Sousa, quarenta anos mais jovem, Boaventura teve uma filha, Maria Keren Ribeiro Sousa.

Boaventura Sousa assegura que não foi fácil desapegar-se inicialmente das atividades da igreja, mas que era necessário, já que não disponibilizava mais de condições físicas. Boaventura fez algumas viagens internacionais na companhia do Pr. Estevam em 1995, viajou para Portugal, Roma, Egito, mas guarda mais fortemente representações da sua viagem à Israel “a viagem a Israel é muito gratificante a gente lucra muito com essas viagens, a gente entra em sensações que não evita lágrimas” (SOUSA, 2016).

O legado deixado por Boaventura Pereira de Sousa é de total entrega ao serviço da igreja, em seu discurso é visível como ele internaliza os princípios bíblicos e incorpora as práticas religiosas no seu cotidiano. Como se fosse uma segunda natureza que Bourdieu (1996) conceitua de *habitus* que se apresenta como social e individual ao mesmo tempo, e refere-se tanto a um grupo quanto a uma classe e, obrigatoriamente, ao indivíduo também.

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas- o que o operário come e, sobretudo, sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar. (BOURDIEU, 1996, p. 22)

Dia 11 de junho de 2017, numa data simbólica que é comemorado o dia do pastor, Boaventura Sousa faleceu aos 90 anos de idade em Bacabal, vítima de pneumonia e problemas renais. A morte de Boaventura repercutiu na cidade, o prefeito Zé Vieira decretou luto oficial de três dias, figuras do meio religioso e político lamentaram a perda do pastor mais antigo Maranhão, destaque ao senador João Alberto que emitiu uma nota de condolência aos familiares. O corpo foi velado na residência do pastor e depois seguiu ao templo central da AD.

#### **4 DITADURA MILITAR: “TODA AUTORIDADE É CONSTITUÍDA POR DEUS”**

Neste capítulo interessa-nos compreender a relação da AD com a igreja católica em Bacabal, uma vez que o embate religioso entre o protestantismo e catolicismo é permeado pelo discurso de perseguição dos católicos aos pentecostais. Importante para percebermos as particularidades entre esses dois segmentos religioso na disputa para manter os fieis sob sua liderança.

Procuramos abordar ainda a conjuntura política no cenário maranhense durante a implantação da Ditadura Civil Militar no Brasil, devido à atuação do Pr. Boaventura Sousa ter início em meados de 1963, um ano antes dos militares assumirem o comando do país. Significativo para refletir sobre o posicionamento da igreja frente ao contexto político social da ditadura e sua relação com renomados políticos do Maranhão.

A postura da igreja AD diante das mudanças políticas e sociais que estavam ocorrendo no estado é de abstenção, sob a alegação que de tudo é vontade de Deus, que não se

devem acumular riquezas na terra onde a traça e a ferrugem destroem, mas ajuntar tesouros no céu<sup>33</sup> Era recomendado que os membros da igreja se mantivessem afastados das coisas mundana, pois conforme Saulo Baptista “o mundo era, para o movimento pentecostal, um lugar de trevas e estava tomado pelas forças do maligno” (2013, p.234), a política era “suja e os evangélicos não devem botar a mão na sujeira” (ALENCAR, 2010, p.81).

Algo que também nos chama atenção é a atuação da AD frente aos conflitos agrários que ocorreram em meados da década de 1960, quando emerge os conflitos agrários no Médio Mearim e os lavradores são expulsos de suas terras, dentre esses, alguns evangélicos.

#### **4.1 Proselitismo e tensões entre católicos e protestantes**

No discurso protestante é recorrente a menção sobre perseguições sofridas por parte da igreja católica. É praticamente unânime essa afirmativa no meio assembleiano. Inúmeros trabalhos referentes à história da AD no Brasil abordam a temática, a autobiografia do Pr. Boaventura também não difere da literatura oficial da Assembleia de Deus, a escrita de si do pastor é permeada por inúmeras perseguições que afirma ter passado junto com seus companheiros de evangelização e com alguns amigos também pastores.

As perseguições não são novidade no campo religioso é um problema contínuo que se mantém ao longo do tempo, onde a igreja Católica reprimia de forma veemente ideologias contrárias aos seus dogmas :

A Igreja Católica respondia às ameaças com as Cruzadas, Santa Inquisição, perseguição aos judeus, aos hereges e a todas as pessoas suspeitas de feitiçarias. Eram estratégias de recomposição do poder político e simbólico dos detentores do poder diante das ameaças concretas ou imaginárias (CAMPOS, 2014, p. 86)

A intolerância religiosa praticada pela igreja católica na Europa chegou ao solo brasileiro com o advento da colonização, “o catolicismo que se estabeleceu no Brasil e se tornou cada vez mais um “catolicismo guerreiro”, influenciando todas as demais esferas, inclusive a religiosa e educacional” (CAMPOS, 2014, p. 85). A IC tinha o controle sobre a vida do cidadão desde o nascimento, “onde se catequizava, se alfabetizava, se atendiam enfermos, se batizava, se confessava, se casava, se festejava e onde, finalmente se enterrava” (ALMEIDA, 2008, p.04) com a execução dos ritos fúnebres.

---

<sup>33</sup>Referencia bíblica no livro de Mateus, 6:19.

É importante destacar que a intolerância praticada pela igreja católica não se restringiram somente aos pentecostais, outras manifestações religiosas como o Espiritismo, religiões de matriz africana também foram reprimidas. Posteriormente as religiões africanas foram demonizadas também pelas igrejas evangélicas. Conforme Elizete da Silva (2015) com o advento da Proclamação da República, através da queda do padroado esperava-se que a liberdade religiosa se estendesse as religiões africanas, mas mantiveram as proibições e perseguições aos Terreiros de Candomblé, Espiritismo e práticas similares. Ainda segundo a autora, “o Código Penal Republicano de 1890, nos seus artigos 156, 157 e 158, “proibia a magia, o espiritismo e o curandeirismo”” (SILVA 2015, p.15).

A Assembleia de Deus enfrentou as perseguições do catolicismo e a incompreensão dos demais evangélicos (SANTOS, 2004, p.57). Conforme Pekelman Silva, “as perseguições eram tidas como motivos de “glória” para os pentecostais, narradas e analisadas sob a ótica do triunfalismo, do sofrimento dito necessário como fator de comprovação e garantia da salvação da alma e progresso da igreja” (SILVA, 2006, p.47).

O que não difere do discurso autobiográfico do Pr. Boaventura quando narra os episódios de perseguições, porém são informações sem datas, algumas datas apresentadas pelo pastor correspondem ao período em que ainda não exercia a vida ministerial. Em alguns momentos o pentecostal afirma que as perseguições que se refere ocorreram nas décadas de (19)20 e 50, mas sua conversão acontece somente em 1944. Talvez Boaventura Sousa tenha conhecimento dessas perseguições a partir de leituras sobre a história da AD, já que ele teve acesso a obra de Emílio Conde, e provavelmente foram relatos orais de pastores que conviveram com o pastor jubilado.

Pastor Adriano Nobre dizia: “vós falais em dificuldades, mas nunca vistes dificuldades iguais às dos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren, não morreram porque Deus não permitiu. Eles passaram pelo vale da sombra da morte em poder dos inimigos, bem como dias sem comer e sem beber, porque em alguns lugares, ninguém vendia alimento ou água para apastores!”. (SOUSA, 2016, p.36)

É notório como Boaventura Souza associa as perseguições ao crescimento da igreja. Na sua visão, o maior crescimento da Assembleia de Deus no Maranhão ocorreu quando muitos pastores foram perseguidos. Entre as violências descritas pelo pastor estão invasão nos salões de culto, agressões pessoais, prisões, apedrejamento, tentativa de castração, humilhações, ameaças de morte, recusa em vender produtos alimentícios e imóveis para evangélicos, dificuldade em matricular os filhos em escolas e conflitos para sepultamento dos mortos nos cemitérios.

Apesar de não considerar-se pioneiro e dessa afirmativa fazer parte de todo texto autobiográfico, o Pr. Boaventura destaca as perseguições sofridas pelos pioneiros da AD, Daniel Berg e Gunnar Vingren, narra que Berg foi perseguido por cães adestrado para perseguir evangélicos, mas sem informação de datas e lugares. É um texto com excesso de informação, poucos detalhes e muitas contradições.

Em uma das muitas negações que não é pioneiro, Boaventura Sousa (2016,p.48) afirma que não passou pelos mesmos sofrimentos, mas que carregou um pouco das aflições que eles sofreram e os imita em todos os sentidos. Em alguns momentos o pastor relata algumas dificuldades enfrentadas por ele e seus auxiliares, entre as quais podemos destacar alguns episódios como o caso de Humberto de Campos. O Pr. Boaventura ressalta que passou ali vinte e nove dias almoçando e jantando café com farinha porque não tinha direito de comprar alimentos em algumas regiões, mas que “aquele foi um período de muitas bênçãos, salvação de pecadores, cura divina e batismos com o Espírito Santo, acompanhados de manifestação de dons espirituais” (SOUSA, 2016, p.63).

No discurso de Boaventura é perceptível o maniqueísmo, a constante luta entre o bem e mal, o inimigo que tenta de todas as maneiras destruir com o elo entre Deus e o homem para impedir a “salvação” das almas.

No povoado de Coqueiro, município de Magalhães de Almeida, foi, conforme narra, apedrejado, humilhado e jogaram artigos putrefatos. Em Jussatuba, município de Icatú foi ameaçado de morte, tendo que impetrar mandato de segurança para evangelizar. Relata ainda que em algumas cidades foi impedido de comprar leite aos filhos e também passou por dificuldade de sepultar um membro da igreja, passou por três cemitérios, mas não permitiram o sepultamento já com 30 horas depois de falecido. Após deixar o corpo do falecido no cemitério e se responsabilizar pelas despesas sepultaram o cadáver. (SOUSA, 2016, p.37)

Conforme Leonildo Campos (2014, p.89), “a secularização dos cemitérios foi uma das primeiras lutas dos protestantes e dos não católicos, judeus, maçons e livre pensadores ,durante toda a segunda metade do século XIX”. Segundo Gedeon Alencar (2000, p.40) a igreja católica “com a proclamação da República, deixou de ser a religião oficial, mas continua plena e oficiosa [...]e mantém ainda em sua influência, de cartórios a cemitérios”. Ainda conforme o autor, cemitérios foram principais zonas de conflitos entre evangélicos e católicos.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup>Para mais ver: CAMPOS, Leonildo Silveira. **O Protestantismo de Missão no Brasil, cidadania e liberdade religiosa**. 2014. P.76-116

Para Boaventura Sousa, as perseguições eram para despertar a igreja, para evangelizar. Conforme Lyndon Santos (2004, p.57), “o sofrimento causado pela perseguição encontrava semelhança com os relatos bíblicos dos primeiros anos da igreja cristã, conferindo-lhe o sentido de continuidade e identificação”.

Em entrevista o Pr. Boaventura (2016) afirma que em Bacabal as perseguições não aconteciam de forma direta, mas que o bom relacionamento entre padres e pastores na cidade ocorreu a partir de 1963, ano de sua chegada ao município. Sobre a perseguição indireta ele cita o caso de evangélicos não tinham direito a escola pública, por esse motivo, o pastor José Pio criou a escola Alcebiades Vasconcelos que funcionou no povoado Bacuri da Linha, atualmente município de Olho d'Água das Cunhãs, havia também a Escola Daniel Berg que funcionava dentro do templo.

Conforme o Pastor, nenhuma das escolas era registrada pela Secretaria de Educação do Estado, funcionava sem autorização legal e através da ajuda do deputado João Alberto conseguiu autorizar o Instituto Benemérito Evangélico onde funcionava o atendimento a alunos do ensino fundamental, construiu o prédio próprio da escola, inaugurado em fevereiro de 1970, na Rua Luís Domingues (ALENCAR, 1970, p.21).

Após a criação da terceira escola sob administração da Assembleia de Deus, o Pr. Boaventura viu a necessidade de organizar mais uma escola, pois quando os alunos concluíam o ensino fundamental, não tinham onde dar continuidade aos estudos. Conforme o pastor, havia na cidade de Bacabal a escola Nossa Senhora dos Anjos, mas os padres impunham muitas condições para aceitar filhos de evangélicos. Logo Boaventura Sousa tentou para autorizar o ensino médio no Instituto Benemérito, mas por conta da burocracia, foi aconselhado pelo secretário de educação a criar uma nova escola, pois o processo era mais fácil que autorizar o ensino médio. Foi então que criaram a escola Gunnar Vingren, em homenagem a um dos missionários suecos que fundou a AD no Brasil.

Então autorizamos a Benemérita para o curso fundamental, depois continuei sofrendo perseguições por parte de religiosos e os filhos de crente não tinha direito a escolas públicas. Então, precisava fazer o curso médio não tinha onde fazer aqui em Bacabal, aqui tinha era um colégio Nossa Senhora dos anjos, mas o padre não dava se não mediante alta condição. Então, partimos para a autorização da Benemérita, mas o secretário disse: é melhor criar um colégio, que é mais fácil de autorizar isso. E assim nós criamos, eu e a irmã Soares criamos o colégio Gunnar Vingren. (SOUSA, 2016)

Quando questionado sobre o ano em que a escola Gunnar Vingren foi criada, por um lapso de memória, o Pr. Boaventura responde que foi 1962 mais ou menos, o que não é

possível já que Boaventura Sousa chega a Bacabal apenas um ano depois em 1963, mas em entrevista a Marcos Ferreira (2012,p.104) o pastor afirma que a escola Gunnar Vingren é de 1972. No Instituto Benemérito o pastor exerceu a função de contador e diretor, pois a escola era particular, conforme o Pastor, as mensalidades eram acessíveis com 30% de desconto da escola particular mais barata de Bacabal, porém não revela o valor da mensalidade.

O pastor afirma que no Instituto Benemérito havia distribuição de bolsa de estudo com medicamentos a alunos que os pais não tinham condições de financiar as despesas escolares dos filhos. A escola não se restringia somente a evangélicos recebia alunos de qualquer religião. Havia também cursos profissionalizantes de pedreiros, carpinteiros, artes, culinárias, flores e corte e costura.

Por motivo de saúde e sob orientação médica, o pastor Boaventura se afastou das atividades da escola que entrou em decadência devido à má administração. Situação que não difere das escolas: Bueno Aza e Nels Nelson da AD em São Luís que também foram fechadas (MOTA, 2009, p.35)

Os conflitos entre padres e pastores deram lugar ao respeito, tolerância e boa convivência. Segundo Boaventura Sousa, após comunicar-se com os padres, este se tornaram seus amigos, nos quais destaca frei Solano que era um dos principais lideranças de Bacabal, Dom Pascásio que foi Bispo em Bacabal, padre Jacinto que trabalhou na cidade de Pedreiras e Padre Carvalho primeiro padre da cidade bacabalense. Boaventura Sousa participou de vários cultos ecumênicos na igreja Católica, ministrou estudos bíblicos, assim como os padres também frequentaram cultos dentro da AD em Bacabal.

#### **4.2 Religião e política durante a Ditadura Militar**

A postura da igreja AD diante das mudanças políticas e sociais que estavam ocorrendo no país é de abstenção, sob a alegação que tudo é vontade de Deus, que não se devem acumular riquezas na terra onde a traça e a ferrugem destroem, mas ajuntar tesouros no céu<sup>35</sup>, pois conforme Saulo Baptista “o mundo era, para o movimento pentecostal, um lugar de trevas e estava tomado pelas forças do maligno” (2013, p.234), a política era “suja e os evangélicos não devem botar a mão na sujeira” (ALENCAR, 2010, p.81).

Conforme Adroaldo Almeida, em 1964, quando o golpe civil militar foi instaurado no Brasil, enquanto todas as manchetes nacionais e os principais jornais internacionais

---

<sup>35</sup>Referencia bíblica no livro de Mateus, 6:19.

publicavam sobre a deposição de João Goulart, o principal jornal da Assembleia de Deus, *Mensageiro da Paz* silencia-se. O posicionamento da igreja era que, “o crente assembleiano deveria se preocupar com a vida no paraíso celestial onde, conforme a Bíblia, não haveria qualquer forma de dor e injustiça” (FONSECA, 2011, p. 38). Segundo a visão apocalíptica da igreja, a segunda volta de Cristo era inevitável logo, todas as lutas terrenas seriam em vão.

Canalizar energia em busca de soluções para um mundo, que biblicamente estava condenado ao fim, não fazia sentido para o fiel assembleiano; ele deveria orar pelas autoridades do país e se submeter às leis da nação, negando-se a participar de qualquer forma de ação contestatória ou revolucionária (FONSECA, 2011, p. 38)

Marina Correa (2013) nos apresenta que desde a década de 19(30) houve participação de protestantes na política, mas que somente a partir de 1960 se tornou perceptível a presença de evangélicos no cenário político ainda em pequenos passos. Ainda segundo esta autora nas décadas de 1970 e 1980 houve novos investimentos na política, porém foi no ano de 1986 que houve expressiva atuação política de assembleiano e outros pentecostais. Conforme André Fonseca, as igrejas evangélicas conseguiram eleger 33 deputados dos quais 14 pertenciam a Assembleia de Deus “Esse número colocava os evangélicos eleitos na situação de quarta maior bancada da Assembleia Constituinte, atrás somente do PMDB, do PFL e do PDS” (FONSECA, 2014, p.295)

Antes, porém, a política era vista como uma coisa imunda, considerada como uma prática “satânica”; o Congresso era a morada do “Mal”. Agora, os mesmo pentecostais, não somente as ADs, mas quase todas as denominações pentecostais e neopentecostais são coadjuvantes nas questões políticas do país. O que era negado e apontado como “trevas” agora passou a ser “luz”. Os pastores ocupam posições de destaque e trazem benefícios políticos para suas organizações. (CORREA, 2013, p.195)

Segundo Adroaldo Almeida, o discurso da igreja Assembleia de Deus era de absenteísmo político, pois “independentemente de quem governa ou legisla, de quem é eleito ou não, é Deus quem comanda uma nação” (ALMEIDA, 2015, p.114). A igreja tenta manter-se “distante” das questões políticas do país embora os pastores tivessem vínculos de amizade com renomados políticos e os jornais institucionais noticiassem a participação de lideranças políticas nos eventos evangélicos assembleianos.

Ainda conforme ALMEIDA (2015, p.135).

Os fiéis da igreja orgulhavam-se e envaideciam-se em ver deputados, prefeitos, governadores etc., prestigiando seus cultos, mas, ao mesmo tempo, eram pouco

afeitos a mobilizações políticas, sobretudo no envolvimento direto com partidos e/ou candidaturas eletivas.

Circunstância que não difere da Assembleia de Deus em Bacabal, pois era notória a presença de autoridades políticas maranhense nos eventos organizados pela igreja, além da presença nos cultos, havia também contribuições financeiras e auxílio para resolver questões pessoais que com ajuda dessas autoridades políticas seria mais fáceis e rápidas de serem resolvidas. Porém não há uma mobilização pública para eleger esses candidatos em período eleitorais, era algo interno. Como relata (CORREA, 2013, p.195) “os ministérios das ADs, passaram a exercer uma enorme força política, funcionando como “currais eleitorais” entre pastores-presidente e os seus fiéis, para apoiar os candidatos da igreja”.

O Pr. Boaventura afirma que os políticos frequentavam a igreja, faziam suas campanhas, mas que ele dava liberdade para a igreja escolher em quem quisesse votar, não apontava candidato aos membros, embora seja amplamente conhecida sua preferencia pelo grupo que apoiava a João Alberto, conforme o pastor, João Alberto é considerado amigo de pastor.

Sempre eu dava liberdade pra que a igreja votasse em quem quisesse, nunca me compactuei com ninguém. Mas a igreja sempre consciente e sempre apoiou doutor João Alberto, João Alberto é menos apoiado hoje, não sei por quê. Um grupo de crentes vota em José Vieira que é inimigo de pastores, Zé Vieira cai em pastor que arrasa. Agora eu vou dizer uma coisa, eu sempre fui neutro, dava liberdade aos irmãos de votar em quem queriam. (SOUSA, 2016)

Não diferente das demais ADs do Brasil, na cidade de Bacabal a igreja apresentou e elegeu alguns candidatos a vereadores membros da Assembleia de Deus, no qual destacamos: Orlando Alencar, Raimundo Sérgio, Maria Soares, Márcia Diniz, Osiel, pastor Pedro Alves, que se elegeu também a deputado estadual, e atualmente Regilda Santos e irmão Leal todos apoiados pela igreja. A relação de poder entre política e religião é presente dentro da Assembleia de Deus no Médio Mearim com permissão do pastor e mesmo com o discurso de neutralidade elimina e aprova qual candidato terá apoio da igreja.

### **4.3 Efeitos da Ditadura Militar em Bacabal**

Boaventura Sousa assumiu a liderança da AD na cidade de Bacabal em 1963, um ano antes da implantação da Ditadura Civil Militar. O pastor relata que entre as muitas acusações que os padres faziam sobre os evangélicos, os chamavam também de camisas

verdes ou comunistas, “estes eram nomes dados aos crentes, pois nessa época, ser comunista no Brasil era um crime inafiançável” (SOUSA, 2016, p.96).

O pastor afirma que não sofreu nenhuma repressão por parte de militares, afirma ainda que a igreja apoiou o regime militar. Conforme Leonildo Campos (2014, p.76)

No decorrer da Ditadura implantada após 1964, os evangélicos não somente apoiaram o golpe, legitimando essa forma de governo, como também silenciaram diante de flagrantes desrespeitos aos direitos humanos como a prática de sequestro, tortura, banimento e assassinatos de presos políticos, ao longo de 21 anos de governo autoritário.

Porém a família do pastor não estava isenta de qualquer ação dos militares caso houvesse alguma atitude suspeita. Boaventura Sousa relata que em pleno regime ditatorial um dos seus filhos criou uma rádio clandestina em Bacabal que foi identificada pela polícia. O pastor narra que em entrevista:

A gente temia, temia o meu filho ser preso também de saber que foi ele que montou e naquele aparelho tinha peças russas e artigos russos naquele tempo eram caçados pelo exército brasileiro como coisas contrabandeadas e era perigoso para o meu filho (SOUSA, 2016)

Embora o Pr. Boaventura estivesse apreensivo por conta do filho que foi preso e transferido para Santa Inês, depois para Teresina e Fortaleza, conforme narra foi nessa circunstância que ele conheceu o deputado João Alberto, Boaventura Sousa afirma não saber explicar como esse episódio chegou até o deputado em São Luís “até então não o conhecia, mas ele veio ao nosso encontro, ele passou a ser nosso amigo naquele tempo, nos socorreu no tempo” (SOUSA, 2016). O deputado João Alberto se comprometeu a procurar e entregar a família o filho do pastor e realizou o que havia prometido.

O pentecostal classifica esse episódio com seu filho como um vexame, mas que “não houve nada de perseguição da Ditadura, pelo contrário tivemos apoio”. O pastor não informa a data desse acontecimento, nem por qual meio o deputado João Alberto ficou sabendo, o que Boaventura Sousa tenta passar é que houve uma intervenção sobrenatural, porém não descartamos o poder de influência e a visibilidade religiosa que o Pr. Estevam Ângelo de Sousa, irmão de Boaventura Sousa, tinha e poderia ter utilizado junto às autoridades do Estado para ajudar o seu irmão a encontrar o filho que fora preso, pois o Pr. Estevam estava na capital mais próximo do aparelho burocrático do Estado e de autoridades políticas.

De alguma forma é possível identificar certa semelhança entre a Assembleia de Deus e o regime autoritário: conta com uma liderança centralizadora e conservadora, intolerante com ideologias contrárias ao estatuto interno da igreja, em alguns casos de desobediência o membro é expulso da instituição legitimado como uma ordenança bíblica: toda árvore que não dá fruto deve ser lançada fora; espaço predominante masculino embora haja significativa participação de mulher, quem toma as principais decisões burocráticas da igreja é a cúpula institucional formada e administrada apenas por homens e a democracia é pouco exercida entre os demais membros.

A Assembleia de Deus condenou ferrenhamente as ideias revolucionárias contrárias ao governo militar, pois na sua visão o regime ditatorial colocaria o país em ordem. Havia a preocupação que a ameaça comunista de Cuba chegasse ao Brasil, na concepção assembleiana só o autoritarismo, a intolerância e as severas punições poderiam acabar com os movimentos de esquerda. Conforme André Fonseca, a AD demonstrava pouca preocupação com as causas sociais do país “reforma agrária, a distribuição de renda, o combate à fome, o desemprego” (2011, p.63).

Segundo Edson d’Avila (2006, p.112) no ano de 1995, a Mesa diretoria da CGADB foi recebida pelo presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, na ocasião, lideranças da AD não demonstraram interesse defender os problemas enfrentados pela população brasileira, a audiência foi pautada em defender assuntos da comunidade evangélica nacional contrário à legalização do aborto, ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e sobre a Reforma Agrária fizeram algumas ressalvas. Como nos apresenta (D’AVILA, apud MP, 1995, p.08):

Nunca insuflamos o povo contra o governo, nem promovemos guerrilhas para tomar o alheio, para nós ou para quem quer que seja.

Concordamos que faça uma reforma agrária sensata, responsável para que haja assentamentos para nossos irmãos pobres que necessitam de um pedaço de chão para plantar e viver. Mas que recebem de maneira oficial, das mãos do governo, as terras improdutivas.

Não concordamos com a espoliação das propriedades alheias. Essa reforma deve ser feita com base na justiça e na misericórdia.

O apoio da igreja ao golpe explica a falta de assistência dos pastores às lutas dos camponeses, durante os conflitos de terras no Brasil e no Maranhão. Em meados da década de 60 do século XX, quando emergem os conflitos agrários e os lavradores evangélicos são expulsos de suas terras, a Assembleia de Deus em Bacabal atua de maneira pacífica e silenciosa em relação aos conflitos de terra, prestando assistência aos camponeses com moradia e alimentação. “A muitos, a gente ajudou com uma casinha, casinha às vezes de taipa,

coberta com palha de palmeira. E outros um pouquinho de alimento. A gente fez o que pôde” (SOUSA, 2015).

O Pr. Boaventura confirma que os conflitos agrários ocorreram no Médio Mearim, que trabalhadores rurais perderam suas terras, a igreja não foi poupada e também perdeu vários locais onde havia templos da Assembleia de Deus.

Houve muito conflito mesmo, naquele tempo quem tinha uma propriedade podia sair a qualquer momento, invadiam e tomavam mesmo, então foi o motivo que nós tinha um templo aqui, tinha um templo em 18 lugares aqui no interior de Bacabal, 18 templos e nenhum tinha documento. Porque os donos não podiam nos dar, que havia essa ameaça que se vendessem ou dessem o documentos os donos sofriam mais ainda. Então nós sofremos vexame por isso, construímos templos e ficamos sem eles em vários lugares. (SOUSA, 2016)

A passividade da AD frente às desordens e violência no campo maranhense apresenta o quanto a igreja se eximiu de envolver-se com as questões seculares, talvez pela “insistência na tese de que os problemas sociais no Brasil tinham caráter espiritual e não seriam resolvidos por meio de medidas políticas” (FONSECA, 2011, p.296). Como forma de não contrariar às autoridades políticas, a igreja defendia ser constituída por Deus e usava a política somente no tocante as questões espirituais para garantir os princípios cristãos e a moral da família.

Os demais problemas que o país atravessava eram resolvidos a base de jejum e oração e as mazelas que afligiam a sociedade seriam consequências de pecado, pois na visão da igreja

fome, desemprego, altas taxas de inflação, má distribuição de renda e da terra, e outros tantos desvios sociais, resultavam da má ordem espiritual do país que ainda conservava a cultura idólatra do catolicismo romano e as práticas satânicas dos cultos afro-brasileiros, além do homossexualismo e da prostituição que assolavam a nação (FONSECA, 2011, p.298)

A igreja utiliza do pessimismo escatológico para justificar sua omissão para lutar em favor dos trabalhadores rurais que foram expulsos de suas terras e garantir o direito de permanecer em sua propriedade. Diferente das igrejas evangélicas, a igreja católica teve forte atuação durante a Ditadura Militar em relação a luta pela terra, o apoio oferecido a lavradores durante os conflitos agrários pelo catolicismo foi significativo no campo maranhense, principalmente no Médio Mearim região do estado que é marcado por intensa disputa de terra.

A posição do Pr. Boaventura foi de neutralidade, o que não difere da AD no Brasil, apesar de não abordar sobre conflitos agrários em sua autobiografia e em entrevista quando é questionado a respeito do assunto ele mostra ter conhecimento sobre a luta pela terra, sobre a expulsão de camponeses, cita alguns lugares onde houve os conflitos, mas não apresenta envolvimento algum com os conflitos.

Aquí, tinha um lugar pro nome Jatobá dos três irmãos aquí ao lado da Aldino caminho de Lago da Pedra, um lugar por nome Moraes, um lugar por nome... ainda hoje existe hoje, Aldeia, um lugar por nome... que hoje é São Paulo Afonso, lugar por nome Francisco Mendes, nessa área de cá, tínhamos templos e ficamos sem ele e sem o direito de ir lá. Porque chegaram novos donos e eles nos impedia de ir no local, não era fácil naquele tempo, mas não era aquele negócio de alguns irmão tinha ficado sem a propriedade por causa daquela onde perseguição. (SOUSA, 2016)

Ao ser questionado sobre se a AD teve algum envolvimento direto ou indireto em relação ao apoio de lavradores em situação de conflito de terra, Boaventura Sousa afirma: “no meu conhecimento não, no meu conhecimento não houve”.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a elaboração deste trabalho buscávamos entender as particularidades da Assembleia de Deus no Médio Mearim, a partir do histórico e expansão do pentecostalismo no Brasil e na capital maranhense, São Luís, no entanto percebemos o quanto essa igreja é centralizadora nas suas doutrinas e singular em seus característicos traços de origem,

composta principalmente por uma membrasia socialmente marginalizada e por uma liderança leiga, toda conjuntura da AD no Maranhão não difere das demais igrejas no país.

No interior maranhense, mais especificamente no Médio Mearim, as contribuições de Boaventura Pereira Sousa ao pentecostalismo assembleiano com estratégias evangelísticas e organizações interna da igreja, foram significativas para percebermos o crescimento da AD em Bacabal, embora ocorra em passos lentos, pois o Pr. Boaventura chega neste município no início da década de (19)60 e encontra na cidade somente um templo da AD e após 33 anos de atuação entrega a presidência da igreja com quatorze templos, entando seu sucessor, Francisco Soares Raposo Filho, em menos tempo de liderança já organizou a mesma quantidade de congregações.

Porém não desconsiderar as dificuldades enfrentadas por Boaventura Sousa, falta de recursos financeiros e tecnológicos, instabilidade no número de membros causados pela migração frequente e tensões com fieis do catolicismo. Também não desconsideramos a entrega do Pr. Boaventura ao serviço da AD no Médio Mearim, homem visionário e que conseguiu administrar a igreja com carisma e simplicidade.

A conjuntura política da Assembleia de Deus na cidade bacabalense também não é diferente da relação de troca entre política e religião no cenário brasileiro, onde os membros são orientados a não se envolver em movimentos contestatórios as autoridades governantes, legitimados pelo discurso que toda autoridade é constituída por Deus e deve ser obedecida. O dever do cristão é apenas orar pelos governantes.

A igreja não preocupa-se em politizar os membros da igreja, o que é perceptível sobretudo durante a Ditadura Militar e nas décadas que emergem os conflitos agrários no Médio Mearim, no qual inclusive a AD perde suas terras, locais onde havia templo, mas age de maneira silenciosa, sob o discurso de neutralidade. Mas mantém estreita relações com o meio político de preferencia quando se trata de defender os interesses da igreja, seja ele dogmático ou patrimonial.

## **REFERÊNCIAS**

### **ENTREVISTAS**

SILVA, Marcos Ferreira. Bacabal. Entrevista realizada em novembro de 2016.

SOUSA, Boaventura Pereira. Bacabal. Entrevista realizada em agosto de 2014 e novembro de 2016.

### **DOCUMENTOS MANUSCRITOS**

ASSEMBLEIA DE DEUS DE BACABAL. **Carta de Mudança**. Bacabal, Maranhão.

ASSEMBLEIA DE DEUS DE BACABAL **Carta de Recomendação**. Bacabal, Maranhão.

### **JORNAIS**

Jornal CEADEMA em foco. 2006.

### **BIBLIOGRAFIA**

ALBERTI, Verena. Fontes orais. **Histórias dentro da História**. In. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005 p. 155-202.

\_\_\_\_\_. **Ouvir e contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. **LITERATURA E AUTOBIOGRAFIA: a questão do sujeito na narrativa**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81

ALVES, Rubem. **O que é religião**. São Paulo: Ars Poética, 1996.

ALMEIDA, Adroaldo José Silva. **"Pelo Senhor, marchamos": os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)**. Niterói-RJ – 2016.

ALENCAR, Gedeon. **Assembleia de Deus- origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, História e Tipologia- 1911-2011**. São Paulo, 2012.

ALENCAR, Orlando Alves de. **História da Assembleia de Deus**. Bacabal-MA, 1997.

BORGES, Vavy Pacheco. **Grandezas e misérias da biografia** In. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 167-182.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996. 22.

CAMELO, Júlia Constança Pereira. **O cordel e o migrante nordestino: companheiros de viagem**. São Luís: Café e Lápis; Editora UEMA, 2014.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. **Estudos Avançados**. São Paulo. V5, n. 11 p. 173 – 191, 1991.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada**. Revista USP, São Paulo, n. 67, p.100-115. Setembro/novembro, 2005.

\_\_\_\_\_  
CAMPOS, Leonildo Silveira. **O Protestantismo de Missão no Brasil, cidadania e liberdade religiosa**. DOI:<http://dx.doi.org/10.15603/2176-1043/el.v17n1p76-116>, 2014.

CORREA, Marina Aparecida O. dos Santos. **Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

\_\_\_\_\_  
**Igrejas Assembleias de Deus no Brasil: pastores-presidente e a linhagem de consanguinidade ministerial**. In: OLIVEIRA, David Mesquiati de (org.), **Pentecostalismo em diálogo**/São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**- 2. ed – Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

COSTA, Rovílio. **O pentecostalismo e o culto do divino na atualidade**. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 37, n. 158, p. 586-600, dez. 2007.

COSTA, Marcelo Lima. **“UM TUFÃO URBANÍSTICO VARREU A PRAÇA”:** a experiência da modernização urbana de São Luís (1936-1950). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), UEMA, 2012.

DA MATTA, Roberto A. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. 3.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

D’AVILA, Edson. **Assembleia de Deus no Brasil e política: uma leitura a partir do Mensageiro da Paz**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP, 2006.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral e narrativa: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DREHER, Martin N. **Protestantismo na América Meridional**. In: Paulo D. Siepiereki e Benedito M. Gil, (orgs) **Religião no Brasil: enfoque, dinâmica e abordagens**. \_ São Paulo: Paulinas, 2003, p.39-65 \_(coleção estudos as ABHR)

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Márcia Milena Galdez. **Configurando o espaço social no Vale do Mearim: Terra, Trabalho e Migração**. In FERREIRA, Márcia Milena Galdez Ferreira; FERRERAS, Norberto O.; ROCHA, Cristiana Costa da (orgs.) **Histórias Sociais do Trabalho: usos da terra, controle e resistência**. São Luís: Café e Lápiz; Editora UEMA, 2015, p. 101.

\_\_\_\_\_  
FERREIRA, Márcia Milena Galdez. **Construção do eldorado maranhense: experiências e narrativas de migrantes nordestinos no Médio Mearim-MA (1930-1970)**.

Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-graduação em História Social, 2015. (Tese de Doutorado)

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo e história oral**. Topoi, Rio de Janeiro: 2002, p. 314-332.

FLORES FILHO, José Honório das. **Santuário de Frei Damião: a fé na modernidade e tradições católicas no Brejo de Paraibano- valores espirituais versus valores materiais**. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) João Pessoa. Universidade Federal da Paraíba. 2012

FONSECA, André Dioneu. **As fronteiras das leituras: imprensa e práticas de leitura na igreja Assembleia de Deus (1980-1990)**. 2011. Dissertação (mestrado em História) UFGD, 2010.

\_\_\_\_\_. **Informação, política e fé: o jornal Mensageiro da Paz no contexto de redemocratização do Brasil (1980-1990)**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 34, nº 68, p. 279-302 – 2014.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOMES, Francisco Assis. **Resenha da minha conversão a Cristo**. 1985

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HERMANN, Jacqueline. História das Religiões e Religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & Vainfas, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.315-332.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. O significado das pequenas coisas: História, proposografia e biografemas. In: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Grafiás da vida: Reflexões e experiências com a escrita biografia**. São Paulo: Letra e voz, 2012.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MOTA, Elba Fernanda Marques. **Representação de si e práticas da escrita na religião: a produção de Estevam Ângelo de Souza na Assembleia de Deus no Maranhão (1957-1996)**. São Gonçalo, RJ. 2013, p.50

\_\_\_\_\_. **Poder, subjetividade e condição feminina no pentecostalismo maranhense. O caso da Igreja Assembleia de Deus (1940-1990)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), UFMA, 2009.

\_\_\_\_\_. SANTOS, Lyndon de Araújo. O apóstolo da simplicidade evangélica: Estevam Ângelo de Souza e o pentecostalismo no Maranhão. In: COSTA, Yuri; GALVEZ, Marcelo Cherche (orgs.). **Maranhão: ensaios de biografias e história**. São Luís: café e lápis, Eduema, 2011. p. 285.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

OLIVEIRA, Raimundo Sérgio de. **Bacabal de sempre: Histórias de Bacabal**. 2002.  
PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. -2.ed. 2. reimp. - Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Trad. Dora Rocha Flaksman. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, 1989.

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val di Chiana** (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 103-130.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira República Brasileira**. São Luís: EDUFMA. São Paulo: Ed. ABHR, 2006.

SANTOS, Manoel da Conceição. **Chão de minha utopia** / Manoel da Conceição Santos; Paula Elise Ferreira Soares, WilkieBuzatti Antunes, organizadores. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SILVA, Elizete da. Entre o pluralismo e a intolerância religiosa In. PORTELA, Camila da Silva; SANTOS, Lyndon de Araújo; SANTOS, Thiago Lima dos; SILVA, Joelma Santos da. (orgs) **Leituras sobre religião: cultura, política e identidade**. \_ São Luís: EDUFMA, 2015.

SILVA, Marcos Ferreira. **Sob trilha uma nova fé**. Revista dos 75 anos do pentecostalismo assembleiano Bacabal-MA, 2012.

SILVA, Pekelman Halo Pereira. **As primeiras décadas do pentecostalismo assembleiano em São Luís (1921 a 1957)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), 2006.

SILVA, Rayfran Batista da. **História da Assembleia de Deus no Maranhão: Assembleia de Deus em São Luís 80 anos de pentecostes e evangelização**. São Luís: Edgraf, 2001.

SOUSA, Boaventura Pereira. **Autobiografia e eventos que a história não divulgou**. São Luís-MA: Gráfica e Editora Excelência, 2016.

SOUZA, Robério Américo do Carmo. **“Vaqueiros de Deus”: a expansão do protestantismo pelo sertão cearense nas primeiras décadas do século XX**. RJ, Niterói, 2008.

VIDAL, Diana Gonçalves. **De Heródoto ao gravador: Histórias da História Oral**. Resgate, nº 1, 1990.